

RUTH ATHIAS MESQUITA

PELOS VERDESVAGOSMUNDOS:

ALENQUER NA OBRA DE BENEDICTO MONTEIRO

Belém

2007

RUTH ATHIAS MESQUITA

PELOS VERDES VAGOSMUNDOS:

ALENQUER NA OBRA DE BENEDICTO MONTEIRO

Monografia de Conclusão de Curso apresentada
à Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de
Especialização em História Social da Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueiredo.

Dedico este trabalho:

À minha mãe, Aduzinda Coelho Athias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família e todos que de algum modo me incentivaram neste trabalho.

Ao meu cunhado, Roberto da Cruz Mesquita, economista por engano e Historiador por vocação, apaixonado pela História de Alenquer, que gentilmente forneceu-me suas pesquisas acerca de Benedicto Monteiro.

Ao meu filho Dílson Athias Mesquita que pacientemente ajudou-me com a formatação deste trabalho.

Ao meu filho Jonathas Athias Mesquita que suportou meu mau humor diante da minha falta de habilidade com o computador.

Aos professores da UFPA em especial ao meu orientador e conterrâneo Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueiredo que nunca perdeu o bom humor ou a paciência diante de minhas dificuldades.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	06
2 – O AUTOR COMO PERSONAGEM.....	10
3 - O POVO E O POBRE.....	23
4 - O MUNDO DO TRABALHO.....	37
4.1 - BALATEIRO.....	38
4.2 - JUTICULTOR.....	41
4.3 - CASTANHEIRO.....	43
4.4 - PESCADOR.....	44
5 FESTAS E TRADIÇÕES.....	46
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
7 FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52

1 INTRODUÇÃO

Pretendemos retirar das obras literárias de Benedicto Monteiro: Verde Vagomundo, O Minossauro, A Terceira Margem e Aquele Um, as imagens e o cenário da cidade de Alenquer, tentando direcionar o foco de nosso trabalho para a história social da cidade, a construção da identidade local e a visão da natureza amazônica, a partir da memória do autor, que vincula constantemente ficção e realidade, e que tem a peculiaridade de ser filho da cidade.

Marina Maluf esclarece bem a posição da Literatura como grande aliada na preservação da história através da memória presente nas obras ficcionais, na medida em que aprisiona o pensamento na escrita, garantindo a permanência do relato para a posteridade, impedindo que fatos acabem por se perder no esquecimento. Isso sem falar da possibilidade de facilitar a visão das construções e reconstruções sobre determinado assunto, em função das modificações que o tempo vai fazendo na história oral e das diversas visões sobre o mesmo tema, envolvendo experiências pessoais e grupais.

É também exercício do historiador recuperar a história de uma cidade ou de um local, a partir das representações literárias que um autor pode fazer, inter-relacionando História e Literatura.

A literatura, ao utilizar a ficção, tem a capacidade de retratar uma realidade social sem se comprometer com a veracidade que envolve o seu contexto histórico, e isso oferece a liberdade ao literato para repassar, por intermédio de seus personagens, as suas visões de mundo (SIMÕES, N; CASTRO, L; BATISTA, A, 2006, p.42)

Diferentemente de autores como Euclides da Cunha que há cerca de cem anos viam a natureza amazônica como inóspita, hostil ao homem, esta, para Benedicto Monteiro não é uma inimiga, mas aliada forte que muitas vezes acaba comandando a vida das pessoas através dos fenômenos da cheia e da vazante, curiosamente marcados pelas festas religiosas, determinando a movimentação da economia local: balata, castanha, juta e gado. O tempo em Alenquer é marcado, principalmente, pela festa do Padroeiro Santo Antônio e pelas águas, “no mito do eterno retorno, considerando o regime das águas e das safras de castanha e de juta, além das festas religiosas, isto é, fatos que caracterizam o calendário do caboclo”.(CASTRO, 1996, p.13).

[...] Alenquer – “rés à água”, “rés ao barro”, “rés ao chão” - e que uma vida mítica, regulada por um tempo de repetição, liga ao duplo ciclo das enchentes e da festa do Padroeiro santo Antônio – única preocupação maior de seus habitantes - é uma espécie de Microcosmo do interior da Amazônia¹

As festas religiosas servem, inclusive, para prever a movimentação do rio. O início da festa de Santo Antonio marca a vazante, e a cheia começa mais ou menos a

partir do Círio de São Benedito, outra importante festividade religiosa da cidade. “A primeira quebra d’água geralmente se dá em junho, depois do dia 13 [...] No mais tardar começam com as águas grandes dos Santos Reis ou na festa de São Benedito.” (MONTEIRO, 1997, p.105).

O bairro da Luanda e sua festa religiosa são lembrados com saudosa paixão por Benedicto Monteiro. São Benedito é padroeiro do bairro da Luanda. O Santo padroeiro do bairro, a concentração de um grande número de ex-escravos negros que ali fixaram residência, além do folclore, principalmente o Marambiré, explicam sua denominação (de uma cidade africana), embora o povo do bairro, extremamente poético e um tantinho preconceituoso prefira explicar o nome a partir de uma lenda romântica envolvendo uma índia chamada Lua, que enlouquecida de amor após ser abandonada por seu amado, vagava sem rumo por aquelas bandas ou “*o lugar por onde a Lua Anda*”, obviamente abreviado para Luanda.

Baseado no panorama político que permeia as obras citadas acima, sugerindo a ditadura militar e os grandes projetos para a Amazônia, fixamos um recorte cronológico entre a década de 60, quando a idéia de Benedicto Monteiro a respeito de reforma agrária lhe valeu a acusação de subversivo, levando-o aos porões da ditadura militar, até a década de 70, quando publica seu primeiro livro *Verde Vagomundo*, e começa a reconquistar seus direitos políticos cassados.

Assim, com o auxílio da bibliografia de apoio de autores como Marina Maluf, Ecléa Bosi, Alessandro Portelli, Michael M. Hall, Alistair Thomson, monografias e teses de doutorados sobre as obras de Monteiro, buscamos entender como o espaço urbano e rural de Alenquer, profundamente marcado pela natureza influencia os personagens de *Verde Vagomundo*, *O Minossauro*, *A Terceira Margem* e *Aquele Um*, principalmente no que se refere à memória, “relatando os acontecimentos ocorridos [...] o espaço urbano e a vida cotidiana de Alenquer, [...] interligados com os fatos vivenciados pela população da cidade [...]” (SIMÕES, CASTRO e BATISTA, 2006, p. 43,44).

Monteiro aborda constantemente a questão da sobrevivência nas várzeas, igapós, área rural e urbana, mostrando a formação de uma identidade cultural advinda da mescla das diferentes etnias que convivem cotidianamente, dando, recebendo e reelaborando usos e costumes. Sendo o homem parte integrante desse meio, é natural que participando do processo evolutivo ele se transforme no produto desse “contexto cultural onde foi socializado” e do conjunto de experiências e do conhecimento vividos, adquiridos e transmitidos por seus antepassados podendo inovar ou criar padrões “não como produção individual e isolada, mas como elaboração da comunidade”, embora ele não tenha percepção das marcas que ele mesmo produziu por encará-las de forma autônoma e não fazendo parte de um conjunto.

A cultura, resultado de uma experiência histórica de gerações, tornou-se variável dominante do comportamento do homem, condicionando-o a agir de acordo com os padrões vigentes, além de estimular a aprendizagem e traçar a identidade do sujeito e da comunidade a que pertence. Pode-se, então, dizer que as diversas sociedades de diferentes regiões possuem traços culturais específicos, constituindo uma estrutura na qual o mito aparece como elemento relevante. (CASTRO, J, 1996, p. 16).

Possidônio é a encarnação da luta do homem com o homem, premido pela seca e pela violência dos coronéis. Prazeres representa a luta do homem com a natureza, com o mito, “muito ligado à sensibilidade [...] utilizando a linguagem do segredo e do mistério”.

Em ambientes profundamente marcados pelo verde e pela floresta, pela água e pelas cheias, percebe-se o contraste do amazônida com o nordestino que também está ali, mas vem marcado pelo sol e pela seca. (MIRANDA, 1995, p.15).

As obras de Monteiro desvendam também um mundo prenhe de assombrações, lendas e mitos, muito mais temido pelo desconhecido e pela dificuldade em lutar contra esse sobrenatural do que pela violência presente na realidade cotidiana.

2 O AUTOR COMO PERSONAGEM

Esta monografia versa acerca da memória, identidade e natureza de Alenquer e de seus habitantes, entre as décadas de 60 e 70, que estão presentes nas obras de Benedicto Monteiro: Verde Vagomundo, A Terceira Margem, O Minossauro e Aquele Um, também chamadas pelo autor de “*Tetralogia Amazônica*” por se constituírem numa seqüência que conta a história de um personagem caboclo meio mito, meio herói, que vai desvendando situações do cotidiano e a história social da cidade em seu perímetro urbano e rural discutindo questões que ultrapassam o âmbito local, através da própria fala dos personagens.

As fontes primárias utilizadas para a pesquisa serão, obviamente, as quatro obras acima citadas onde a história de Alenquer se encontra implícita, presente na fala e nas peripécias dos personagens. Como fontes secundárias utilizarei outras obras de sua autoria que permitam entender melhor a história contada pelo autor como Transtempo (uma espécie de autobiografia), Como se Faz um Guerrilheiro, o Hino de Alenquer, o Hino do Internacional que mostram alguma ligação com Alenquer, além do Canto do Lavrador onde se misturam romantismo, idealismo e rebeldia contra a ordem pré-estabelecida preconceituosa e discriminatória imposta pelas elites alenquerenses.

O trabalho literário de Benedicto Monteiro está muito ligado às memórias de sua infância, juventude e início da carreira política em Alenquer, e envolve outras histórias, numa espécie de balanço do passado, como bem caracteriza a situação Sérgio Buarque de Holanda:

O nosso testemunho se torna registro da experiência de muitos, de todos que, pertencendo ao que se denomina uma geração [...] acabam desaparecendo como indivíduos para se dissolverem nas características gerais da época. Então, registrar o passado não é falar de si; é falar dos que participaram de uma certa ordem de interesses e de visão do mundo, no momento particular do tempo em que se deseja evocar. (BUARQUE DE HOLANDA, 2005).

Nesse sentido, achamos que deveríamos procurar desvendar uma parte da história de Alenquer através das obras acima citadas. Para melhor entendimento, é necessário conhecer um pouco da história pessoal e do perfil do autor.

Filho de ricos latifundiários, neto de coronéis da guarda nacional, tanto pelo lado paterno quanto materno, pode-se ter uma pequena idéia da importância atribuída à sua família, principalmente pela população local. Entretanto, desde a infância, Benedicto Monteiro se apercebia dos contrastes entre a posição social privilegiada que ocupava e a situação de extrema pobreza da maioria do povo alenquerense. Muitos de seus amigos de infância, entre eles filhos dos empregados de seus pais, não tinham nem tiveram as oportunidades de dar continuidade aos estudos. A esmagadora maioria dos estudantes alenquerenses até a década de 60 era obrigada a interrompê-los ao concluir a 5ª série primária, única possibilidade de educação oferecida pelo Governo da época nas Escolas de Alenquer, enquanto ele era enviado pela família para as melhores escolas da capital do Estado e no Rio de Janeiro. Sem contar os colegas que, sem outra opção, nem concluíam o ensino primário, por necessidade de ajudar na subsistência da família com sua força de trabalho.

Benedicto Monteiro formou-se em Direito e iniciou sua carreira literária escrevendo para jornais e publicando sua primeira obra, o livro de poesias “Bandeira Branca”, pela editora Zélio Valverde em 1945 e prefaciada por Dalcídio Jurandir que influenciou profundamente seus trabalhos e cujo primeiro contato foi ainda no Colégio Nossa Senhora de Nazaré quando leu e se encantou com o livro “Chove nos campos de Cachoeira”.

Em suas narrativas, Monteiro juntou o regionalismo ao social fugindo do tradicional que se limita ao bucólico. Ao invés disso ele questionou temas regionais, estabelecendo relação entre o homem e o espaço que habita partindo dos problemas regionais para atingir o universal. Além disso, ele se afastou da “estrutura linear [...] apresentando vários focos narrativos”

Tudo isso leva a crer que, Miguel, no meio do grupo social da cidade de Alenquer, surgiu e se cristalizou como herói, no pensamento daquela sociedade interiorana, o que também deve ter acontecido com outros heróis, em outras partes do mundo. Portanto, esta pesquisa pretende, não somente estudar as ações de Miguel, diante da paisagem mítica da Amazônia, mas também mostrar que, por trás do regionalismo, o romancista demonstra a atenção de atingir o universal (CASTRO, 1996, p.9)

Teve uma carreira pública meteórica de vereador a Juiz de Direito em Alenquer, elegendo-se facilmente Deputado Federal. Defensor da Reforma Agrária, tachado de comunista e subversivo, foi perseguido pela ditadura militar, fato que o marcou indelevelmente e que se reflete em suas obras.

Irreverente, em Transtempo, ele narra uma passagem curiosa de sua vida de estudante no Rio de Janeiro, quando acabou concorrendo num concurso de dança de *charleston*, apresentando-se como “bailarino de Alenquer”. O mais incrível é que ganhou o concurso. Muitos jovens teriam vergonha de dizer-se de uma desconhecida cidadezinha de interior da Amazônia para evitar virar alvo de gozações de colegas. Isso não acontecia com Bené Monteiro.(MONTEIRO, 1993, 19). Até mesmo seu casamento fugiu

totalmente dos padrões tradicionais. Primeiro teve o que se poderia chamar para a moral da época um namoro extremamente escandaloso, com ele e aquela que viria a ser sua esposa, desafiando os valores morais da sociedade local, escandalizando não apenas a alta sociedade alenquerense como também as prostitutas da cidade, ao descenderem, em trajes de banho (ela de maiô), para namorar dentro das águas do rio que banha a cidade, bem à vista de todos. Contrariando os prognósticos locais que apontavam abandono para as moças que fizessem tais concessões a seus namorados, casaram-se.

Casaram-se sim, mas não como era esperado para um rapaz da posição social privilegiada que ocupava: na Igreja Matriz de Santo Antônio testemunhado pela nata da sociedade local, com o coral das Filhas de Maria cantando hinos celestiais cujas letras exaltariam a família e a vida conjugal. Em vez disso, mais uma vez, escandalizou os conservadores alenquerenses. Benedicto Wilfredo Monteiro casou-se em segredo (pretendia ser) no quilombo do Pacoval, entre os negros e a população pobre local. Mas ainda não era suficiente. Não foi um casamento individual. Vários outros casais quilombolas também casaram na mesma cerimônia. Wanda foi sua esposa e companheira fiel, na alegria e na tristeza, nas perseguições, enfim, em todos os momentos de sua vida, vindo a falecer recentemente.

Atitude polêmica e corajosa foi adotar legalmente Adenilson, um menino negro, numa época de profundo racismo entre as camadas altas e médias da sociedade amazônica. Lembrem-se do concurso de “*Bebê Johnson*”: não havia espaço para bebês negros ou mulatos. Essa atitude não foi decorrente de qualquer problema para gerar filhos biológicos que foram cinco: Aldanery, Ana Luzia, Wanda Benedita, Benedito Filho e Dulcinez.

Certamente, se Benedicto Monteiro não desfrutasse de uma situação social privilegiada, esse desafio à moral da época lhe valeria no mínimo algumas horas de cadeia por desacato ao pudor, conduta imoral ou algo semelhante. O jovem “Bené”, por sua vez, parece que gostava de testar os limites medindo até onde sua condição social lhe permitiria contrariar ou desafiar as convenções sociais.

Outro exemplo dessa rebeldia foi ajudar a fundar o Esporte Clube Internacional em oposição ao conservador União Esportiva, freqüentado apenas pela nata da sociedade local, extremamente preconceituoso não permitindo a entrada de negros, moças não virgens, aí se incluíam as “faladas” (apenas suspeitas), mães solteiras e até mesmo os jogadores de futebol do próprio União. D. Zolima Coelho gostava de relatar a história de um caboclo bem sucedido financeiramente, dono de uma próspera sapataria no centro da cidade, que tentava ser aceito de todas as maneiras, inclusive oferecendo doações ao clube e não obtinha sucesso.

É claro que os fundadores do Internacional não deixaram e nem foram impedidos de freqüentar a União Esportiva sempre que o desejassem. A reinauguração do Esporte Clube Internacional parece ter sido uma espécie de retaliação dos descontentes da União, ao mesmo tempo em que ganhavam a simpatia do povão, o que não seria ruim para quem ambicionasse eleger-se para cargos políticos. A esse respeito Ubaldo Reis faz referência em sua monografia:

Em meados da década de 1950, houve eleição para uma nova diretoria, e a chapa que saiu derrotada [...] provocou uma dissidência no União Esportiva. E

os membros dissidentes na busca de demonstrar o seu poder sobre a sociedade, recorreram aos enfraquecidos diretores do esporte Clube Internacional com a promessa de reinaugurar e refortalecer o clube quase extinto [...]os dirigentes do Internacional aceitaram a proposta. A elite dissidente desenvolveu [...] um trabalho de manipulação ideológica junto a população desfavorecida e consegue conquistar o seu apoio [...] para renascer o “clube do povo”, sob uma camuflada manipulação que, por muito tempo, teve uma característica de conquista popular. (REIS, 1994, p.24).

É de autoria de Benedicto Monteiro o hino do Internacional, que caiu no gosto dos alenquerenses popularizando-se de tal maneira, a ponto de transcender o clube deixando de ser sua exclusividade, passando a ser executado em todos os eventos que envolvam Alenquer, sendo um dos favoritos nas festas carnavalescas, independente do clube onde se realize, inclusive dentro do próprio União. A letra fala por si só dos ideais socialistas de seu autor.

Internacional
O povo de Alenquer te aclama.
És o ideal que a era do porvir reclama
Para construir a nossa grande sociedade,
Num clima de compreensão
Onde a separação seja só
Entre o bem e a maldade.
Nosso clube não separa
Rico, pobre ou doutor,
Nosso clube prestigia
O homem trabalhador,
Nosso Clube quer progresso
E harmonia social,
Nosso Clube é do povo
É o Internacional.

O povo, sentindo-se fortalecido por esse súbito e inesperado apoio contra a elite da União Esportiva, aproveitava para vingar-se parodiando marchinhas carnavalescas reforçando a idéia de igualdade pregada pelo hino do Internacional, como a do bloco das senhoras no carnaval de 1959:

Neste frevo viemos tomar parte
Porque somos mesmo da *society*
Não tememos ter outro rival
Quando estamos no Internacional
Vamos brincar com harmonia sem igual
Pois também somos da elite social

Isso não impediu do Internacional continuar a ser considerado “um clube de segunda” e a rivalidade correr solta, manifestando-se em outras marchinhas mexendo com o pessoal da União Esportiva:

Ó minha morena, que tentação,
Se o seu corpo treme pela União,
Ora deixes disso, não sejas má,

Que o clube batuta é o Internacional

Toda essa conduta vai depor contra Benedicto Monteiro por ocasião do golpe militar. Monteiro e seu personagem Miguel dos Santos Prazeres são os heróis problemáticos ou demoníacos que Lukács e Goldman fazem referência. Estão constantemente desafiando os valores e a ordem pré-estabelecida e estimulando outros a reagir contra a “filosofia burguesa” como vimos no exemplo acima com a paródia do bloco das senhoras, mas também tem seus momentos de comunhão com esse mundo que o rodeia.

Ao ser perseguido pela ditadura de 1964, acusado de comunista, buscou refúgio em Alenquer onde gozava de muito prestígio e era muito querido, além de poder contar com o suporte familiar. Organizou-se então um esquema de fugas pelas várzeas e matas de Alenquer com a ajuda de amigos como Lindolfo Sena, conhecido como “Caboquinho” Rocha respeitado e temido por suas façanhas e valentia. Caboquinho ouvido por Simões, Castro e Batista (2006, p.49), relata o momento da prisão e as condições em que eles foram trazidos para a cidade:

‘Eu tava na mata quando o Bené foi preso. Nós sofremo muito quando pegaram o Bené. Eu pensei logo em reagir mas o Bené disse que era pra nós ficar quieto, que não tinha mais jeito. O Bené disse que podiam levá ele. Nós viemos preso num barco cheio de castanha. Nós estava todo molhado e de roupa velha’.

Na fala de Caboquinho, percebe-se que os amigos estavam dispostos a lutar, mas Bené não quis sacrificar vidas. Isso não impediu que eles e outros que foram mobilizados para auxiliá-los, como os canoieiros nas constantes fugas pelas várzeas, sofressem as conseqüências da repressão. Essa mobilização para manter Monteiro foragido fez com que crescesse o número de envolvidos e responsáveis em dar-lhe fuga. A cidade foi alçada repentinamente da obscuridade total para as manchetes dos jornais que consideravam aquelas ingênuas pessoas que se solidarizavam com o filho querido da cidade como perigosos subversivos e prováveis guerrilheiros, prontos a transformar Alenquer, sob o comando de Monteiro, numa miniatura de Cuba. Daí a alcunha de “Cubinha” pela mídia da época numa alusão ao regime de Fidel Castro em Cuba, eterno espinho socialista na garganta capitalista da Europa e Estados Unidos. Entretanto a grande maioria das pessoas que ajudou Benedicto Monteiro em sua tentativa de escapar tinha um “alto grau de desconhecimento político” para serem tachadas, como foram, de subversivas e comunistas.

Na monografia de Simões, Castro e Batista (2006, p. 48), elas transcrevem o trecho de uma entrevista com um desses amigos de Monteiro, Sr. Denis Aragão:

Falavam que nós nos reunia toda semana para debater sobre Comunismo no sótão da casa do Bené, e isso não é verdade. Nós só nos encontrava quando ele vinha de férias por aqui, e era só para beber cachaça. Nunca ouvi ele falar sobre esse negócio de comunismo.

O prefeito de Alenquer na época, Antônio Aldo Arrais Batista Torres de Castro, além de primo de Benedicto Monteiro, tinha contra si a agravante do sobrenome Arrais ser semelhante ao Arraes, de Miguel Arraes, político pernambucano considerado um dos mentores do movimento “comunista-subversivo” que assolava o país. Por esses motivos foi acusado de comungar das idéias de Bené e, portanto, considerado outro perigo a ser neutralizado, sendo preso e cassado.

Durante esse período de perseguição, as mulheres alenquerenses, simpatizantes de Monteiro, das mais pobres às que faziam parte da alta sociedade local, reuniam-se em casas de família para rezar por Benedicto Monteiro. Já não importava o credo. O importante era salvá-lo a todo custo. Cristãs, rezadeiras, macumbeiras, xamãs, videntes, cartomantes todas estavam unidas tentando mobilizar as forças sobrenaturais, invocando santos, caboclos e orixás para proteger o querido Doutor Bené, orgulho da população, principalmente daqueles a quem o discurso de Benedicto Monteiro calava mais fundo, indo de encontro aos anseios de justiça e igualdade social, acabando por transformá-lo num ídolo popular.

Entretanto toda essa mobilização das forças do além, não impediu que ele fosse preso, escarnecido e obrigado a atravessar a cidade em condições infamantes, sujo, descalço, barbado e algemado para profunda consternação do povo que a tudo assistia impotente e que, isolado dos meios de comunicação de massa como a televisão e os jornais, não entendia muito bem o que estava acontecendo. Os rádios, artigos de luxo proibitivos para grande parte dos alenquerenses, tinham sua transmissão prejudicada pela estática, com as notícias chegando entrecortadas pelos chiados e interferências. Nas comunidades ribeirinhas ainda era mais difícil a chegada de notícias. Estas chegavam por relatos orais, através dos tripulantes ou passageiros das embarcações. Monteiro cita o personagem compadre Franquilino, que pela situação privilegiada de sua moradia à beira do rio Amazonas, entre Óbidos, Santarém, Monte Alegre e Alenquer, tinha acesso a todas as novidades trazidas pelos viajantes que passavam por lá.

Essa falta de comunicação com o mundo exterior, foi utilizada pelos opositores de Benedicto Monteiro para distorcer a imagem de bom moço idealizada pela população local.

A sociedade alenquerense dessa época, desinformada plenamente da conjuntura política do Estado brasileiro, pela carência de meios de comunicação existentes na região, não conseguia entender o processo que estava em curso no seu meio, e assim, qualquer informação que lhe fosse concedida era determinante para decidir sua posição no enredo [...] e assim o foragido passou a ser considerado como um traidor, comunista, perturbador da ordem, que só tinha interesses econômicos no seu discurso, 'caso conseguisse vender a cidade para os russos, igual a Fidel Castro que vendeu Cuba'. (SIMÕES, CASTRO e BATISTA, 2006, p. 48).

Naturalmente que algumas pessoas mudaram de opinião a respeito do Dr. Bené em vista das novas informações, mas uma grande parcela da população continuou a seu favor. Apenas temiam manifestar sua simpatia, sob pena de também serem presos e torturados, acusados de subversão, num momento em que Alenquer era vista pelo regime militar como um provável foco de guerrilha caso não fossem tomadas enérgicas providências. A situação na cidade era de tamanho terror que o sogro de Wanda, irmã de Benedicto Monteiro, acabou por contrair grave doença de fundo nervoso irreversível acelerando o desencadeamento do Mal de Parkinsons que o acometeu, tantas foram as vezes que sobressaltou-se quando um carro parava à sua porta, supondo que seria um contingente policial/militar que vinha para prendê-lo.

Acerca desse pânico generalizado, Simões, Castro e Batista (2006, pp. 44-45) manifestam-se:

Indiscriminadamente, eram perseguidos os cidadãos que apresentassem uma posição suspeita para o regime; independentemente de suas funções ou profissões, de sua classe social ou de seu nível de instrução, eram enquadrados [...] A invasão de casas, residências e prisões de cidadãos comuns tornaram-se uma rotina na vida da cidade [...] as suspeitas levantadas sobre qualquer pessoa, independente de qualquer ideologia, resultaria em invasões de suas casas que eram revistadas em busca de provas comprobatórias para efetuar sua prisão.

Coincidência ou não, foi a partir desses acontecimentos que começaram os tremores nos membros superiores e inferiores do lado esquerdo do corpo do Sr. Jacob, sogro de Wanda (irmã de Monteiro), e que o afetaram pelo resto da vida.

Esse pavor de ser preso e torturado acusado de subversão fez com que muitos amigos de Benedicto Monteiro passassem a evitá-lo quando ele saiu da prisão. Ora, numa cidadezinha onde o poder e a influência das elites sempre serviu de salvo-conduto para evitar a prisão ou libertar prisioneiros locais, ver que todo o dinheiro, poder e influência da família de Benedicto Monteiro não o haviam impedido de passar pela prisão e outros tantos sofrimentos e constrangimentos, serviu para acovardar várias pessoas que ele considerava amigas.

A mágoa e o ressentimento são perceptíveis quando se refere ao fato na entrevista concedida em 15.01.2006 à revista Amazônia View: “O quase ano que eu passei na cadeia foi uma beleza em comparação com o que eu sofri depois. Os amigos não queriam nem me ver; saíam da rua por onde eu ia passar. Eu fui completamente marginalizado da sociedade”. Para ele, a rejeição pelos amigos foi mais dolorosa que a experiência da prisão.

Havia, realmente uma pequena parcela de opositores ferrenhos, composta pelos grandes latifundiários que se sentiam ameaçados com as idéias de redistribuição de terras e Reforma Agrária proposta por Monteiro, bem retratada na letra da música de protesto composta por ele em 1962, em sua obra “Transtempo”, intitulada “O canto do Lavrador”:

Agora nós vamos pra luta,
A terra que é nossa ocupar,
A terra é de quem trabalha,
A História não falha,
Nós vamos ganhar.
Já chega de exploração,
Já chega de tanto sofrer,
Ou morre jogado no eito
Ou leva no peito
O jeito é vencer.
Já chega de tanta promessa,
Já chega de tanto esperar,
A terra na raça ou na garra,
Na lei ou na marra,
Nós vamos tomar.

Esse temor de perder suas terras legalmente, caso o governo resolvesse fazer uma Reforma Agrária promovendo a redistribuição das terras, ou “na marra”, por invasões de trabalhadores reivindicando o direito a terra onde trabalhavam, contribuiu para intensificar essas perseguições. Mas, a grande maioria da população simpatizava com o jovem de idéias revolucionárias que não hesitava em se misturar com o “zé povinho”, para beber, brincar conversar e namorar, de tal modo que alguns de seus amigos chegariam a morrer por ele.

Alenquerense de nascimento e apaixonado pela insignificante cidadezinha do oeste do Pará, classificada como de “difícil acesso” pelos viajantes, comerciantes e instituições de crédito como o Banco do Brasil e que em muitos mapas do Brasil não merece um mísero pontinho indicando sua localização – “Alenquer, terra que ninguém conhece”², edenizou-se em sua memória de político perseguido, cassado e caçado inexoravelmente por seu idealismo revolucionário, acabando por ser imortalizada nas obras citadas acima, como bem define Darcy Ribeiro ao prefaciar a obra Verde Vagomundo:

Tenho para mim até, que Alenquer nenhuma há tão viçosa como esta que Bené exorciza e tira do peito, falando e escrevendo. Cidade miraculosa feita de palavras e cristalizando recordos. Prodigiosa torrente narrativa que, fluindo, dá uma existência mais verdadeira, fazendo real e visível, a vida das vilas alenquerenses, para nelas cada um de nós tomar seu banho de igarapé e desenhar e amar emblemas de barro mole das barrancas.

Reconhecido e prestigiado internacionalmente, no Brasil não é conhecido nem estudado, como deveria, levando-se em consideração a importância e atualidade dos temas abordados por ele em seus trabalhos. Em sua cidadezinha natal, onde os políticos não medem esforços para deixar seus nomes ou de seus familiares em vias públicas e instituições municipais e estaduais, ainda não mereceu a homenagem de ter seu nome batizando ao menos um beco da periferia.

Em Portugal, Holanda, Itália e, principalmente, Alemanha nas cidades de Berlim e Colônia onde foi defendida a tese de doutorado “Die Ilusion Von Oraität im brasilianischen Roman: Zur Simulation realer Sprechsituationen in Drei Mündlich erzählten Lebensgeschichten” (A ilusão da oralidade no romance brasileiro) pelo professor Klaus Meyer Koeken, Benedicto Monteiro mereceu destaque como importante representante da literatura brasileira, comparado em alguns pontos a Guimarães Rosa, França Júnior ou outros autores que optaram por abordar o regionalismo amazônico em suas narrativas.

Mas não foi só na Europa que Monteiro obteve reconhecimento de seu trabalho. Nos Estados Unidos da América, na Universidade de San Diego State University – Califórnia, o professor Malcolm Silverman utilizou-se das obras de Benedicto Monteiro para lançar um trabalho que foi traduzido por Carlos Araújo e publicado no Rio de Janeiro pela Editora Civilização Brasileira em 2000, e que recebeu o título em português de “Protesto e o Novo Romance Brasileiro”, premiado pela Associação Paulista dos Críticos de Arte que o considerou “melhor livro de ensaios”. É do professor o comentário sobre a intenção de Monteiro ao narrar a ação de Miguel dos Santos Prazeres no último capítulo de Verde Vagomundo quando, em protesto ao sentir-se encurralado no morro, o

morro do Cruzeiro, por trás da Igreja Matriz no Centro da Cidade, estoura apoteoticamente todos os fogos destinados às nove noites da festa:

:

Ao iluminar a noite simbolicamente, Benedicto Monteiro termina *Verde Vagomundo* com uma nota de esperança e resistência, cujo otimismo era, ironicamente, difundido logo após o golpe militar, embora já houvesse terminado ao tempo da publicação do romance.³

A escritora Nélida Piñon em carta a Benedicto Monteiro (1972), declara-se encantada pelo personagem Miguel: “ Não perca Miguel e seu Universo criador[...] Miguel é tão forte!” (Castro. 1996:50)

Monteiro mistura ficção e realidade para fazer os seus relatos. Os acontecimentos políticos que mexeram profundamente com sua vida estão presentes em suas obras, testemunhando, registrando, relatando, denunciando a tortura psicológica, física e moral a que foi submetido, como tantos outros que ousaram se opor ao regime. Em *Verde Vagomundo*, Benedicto Monteiro (1974, p. 249) ele se traveste da figura de Miguel dos Santos Prazeres para contar sua história, a história da festa do Padroeiro e como ela afeta a população local.

A sorte de Cabra-da-Peste está selada: o Coronel já decidiu que Miguel dos Santos Prazeres não pode ser pirotécnico, pirotécnico oficial. Ele tem que entregar todos os foguetes, todos os fogos de artifício prontos ou por aprontar. Do material explosivo, naturalmente será lavrado um termo de apreensão por se tratar de material afeto à Segurança Nacional. É a ordem do chefe do IPM. Para melhor exemplo, a busca e apreensão vão ser cumpridas com todo o aparato militar. O destacamento formado por soldados embalados, leva até metralhadora para assegurar o cumprimento da ordem.

Tal como Benedicto Monteiro, Miguel teve suas idéias incompreendidas pelas autoridades que imediatamente passaram a persegui-lo e a caçá-lo embora sua pretensão fosse apenas homenagear o Santo com uma apoteótica queima de fogos , fazendo a alegria da população.

Sendo Benedicto Monteiro um dos autores da literatura amazônica mais destacados, ultimamente suas obras vêm despertando interesse, sendo objeto de análise em trabalhos acadêmicos como monografias de graduação, teses de mestrado e doutorado. Oliveira Castro, um desses autores, se prende ao estudo do mito como influenciador do comportamento do homem amazônico, trabalhando a viagem mágica do mítico herói caboclo, Miguel dos Santos Prazeres, procurando conceituar mito, levantando e analisando “mitemas” presentes nos romances que compõem a Tetralogia Amazônica (*Verde Vagomundo*, *O Minossoauro*, *A Terceira Margem* e *Aquele Um*) e “a aventura mágica do herói mítico”, Miguel (CASTRO, 1996, p. 14)

Lima Ribeiro (1997) analisa aspectos da oralidade presente nas obras de Benedicto Monteiro através da análise da linguagem e do discurso oral estabelecido entre os personagens em *Verde Vagomundo*, a partir de um levantamento das marcas lingüísticas do discurso do herói na narrativa. Ele procura contextualizar, descrever o personagem, sua heroicidade influenciada pelo espaço e pela herança cultural inclusive a do padrinho nordestino, especificando os diversos tipos de herói: épico, trágico, divino etc..

Cintra e Machado (2002, p. 8) também trabalham com o mito da heroicidade de Miguel dos Santos Prazeres, procurando destacar suas ações dentro do espaço em que vive que é a Amazônia, mostrando que essas ações fazem com que a comunidade interiorana também o veja e aceite como herói. Procuram estabelecer como a literatura, através da imaginação do autor, reconstrói a personagem mitológica dando-lhe sentido e finalidade próprias. Cintra e Machado buscam apoio em Krappe para defender a não dissociação entre mito e literatura, por esta acompanhar a evolução da história humana no Universo devendo, portanto, ser considerada como um fator cultural.

Santa Brígida (2000, p.45) faz uma análise do discurso de Miguel na obra “*A Terceira Margem*”, visualizando o personagem como uma construção resultante do próprio discurso, procurando não enquadrar o personagem num tipo definido, evitando rotulá-lo como de protesto, mas investigando-o “correlacionando-o com a estrutura textual”, levando em conta a sua oralidade.

Na segunda obra, que recebe o nome de Minossauro, uma mistura do Minotauro da mitologia grega com os seres aquáticos, sáurios e anfíbios da Amazônia (jacarés, sapos, peixes, etc) a denominação surge em função do local onde Miguel, após o último episódio de Verde Vagomundo, quando encurralado no único morro da cidade, estoura de uma vez os fogos reservados para as nove noites da festa de Santo Antônio, se refugia. Esse lugar inacessível para a polícia é “o labirinto de águas da Amazônia”, onde Miguel acaba por transformar-se num Minossauro (CASTRO, 1996, p. 45). Aqui também podemos verificar a semelhança com a história real vivida por Monteiro quando se viu perseguido:

[...] Um grupo de parentes e amigos estabeleceram um esquema estratégico de proteção que consistia em viagens de canoa para as localidades mais distantes da área urbana e com diárias no seio da imensa floresta. [...] várias pessoas foram enquadradas como subversivas [...] até os pescadores conduzindo-o em suas canoas para lugares diferentes todas as noites. [...] (SIMÕES, CASTRO e BATISTA, 2006, p. 45:49).

3 O POVO E O POBRE

Tanto em Verde Vagomundo quanto no Minossauro como em todos os trabalhos de Monteiro, encontramos referências ao espaço físico da cidade de Alenquer, à natureza, através do espaço não só da várzea, da floresta e dos rios, mas também o urbano, e seus habitantes. São inúmeros os autores que podem nos auxiliar nas questões que pretendemos abordar. Ecléa Bosi, por exemplo, nos será de grande auxílio para examinar as relações que se estabelecem entre moradores e determinado espaço, buscando entender o sentido que um lugar ou um evento tem para as pessoas que o utilizam ou dele participam, além, é claro, da memória como intermediária cultural desses espaços (BOSI, 1992).

Os espaços estão determinados pela classe social que cada indivíduo ocupa. Assim os privilegiados, detentores do poder, criam os seus espaços que não podem ser compartilhados com o pobre a não ser em situações de subserviência. Nas obras de Benedicto Monteiro, um desses espaços é a sede da União Esportiva. O pobre que o freqüentava eram os garçons e serventes, não para desfrutá-lo, mas para tornar ainda mais prazerosa e confortável a permanência da elite nesses recintos. A única maneira do povo, na acepção da palavra, entrar na União Esportiva ou em qualquer outro evento dos ricos, se não fosse como empregado era com os olhos, do lado de fora, separados pelas portas, janelas e pelos encarregados de selecionar os participantes.

Outro espaço que mostra bem o lugar de cada um é o trapiche e a ribanceira, citadas por Ubaldo Reis em sua monografia. O trapiche e as ribanceiras eram o lugar de passeio para as crianças da elite que iam ver os navios ou, popularmente, os “vapores” que chegavam das capitais Belém e Manaus: o Barão de Cameté, carinhosamente chamado apenas de Barão, o Aquidabã, (particulares) e os da SNAP (atual ENASA), Lauro Sodré, Augusto Montenegro, Leopoldo Peres. Quando o povo ouvia de longe o apito dos navios logo gritavam: “lá vem o Barão” e corriam para a “beira” para apreciar sua passagem.

O trapiche para o pobre era lugar de carregar cargas ou bagagens, assim como a ribanceira era ponto do pescador de peixe e camarão ou dos “caçadores” de covas de ovos de tracajá, comidos crus, cozidos ou em forma de “pão tufado”⁴ e dos quelônios, apreciadíssimos na região. Para a classe privilegiada, quando o barro estava bem seco, lugar de passeio para apreciar a paisagem ou o por-do-sol.

[...] era bastante comum, nos dias da semana, sempre no final da tarde, as crianças filhas dos fortes comerciantes ou políticos ‘irem passear no trapiche, apreciar os barcos e navios que chegavam, também gostavam de passear na ribanceira’, e os filhos dos dominados ‘brincavam de roda, de mãe-pirenta, de trinta e um alerta, de bom barqueiro, de pai Francisco, logo no início da noite’[...] (REIS, 1993, p.41)

As obras de Benedicto Monteiro deixam entrever muito da situação política do país e das políticas de “desenvolvimento” pensadas para a Amazônia que, diga-se de passagem, nem chegam a atingir a cidadezinha de Alenquer, de tão escondida (“difícil acesso”). Também estão presentes os eternos confrontos entre a natureza luxuriante e assustadora, com uma cultura multifacetada por tantas misturas e contribuições.

Na verdade, como diz o próprio autor, trata-se uma tetralogia que conta a história de um caboclo fictício chamado Miguel dos Santos Prazeres encarnação não só da sua mas da história dos muitos caboclos amazônidas em sua luta pela sobrevivência na floresta, no rio, nas várzeas e também em terra firme, domínio dos “brancos”⁵, onde as dificuldades impostas pela natureza são intensificadas pelo preconceito contra o caboclo “ignorante” do interior.

A presença do nordestino está representada pelo padrinho Possidônio, com um passado marcado pela violência e pelo árido, pelo coronelismo autoritário e pelas tocaias, que vem para a Amazônia fugindo da seca, em busca de melhoria financeira para poder retornar ao nordeste, mas que por este ou aquele motivo acabou ficando. A presença da

mulher também está demarcada nos romances de Monteiro, com muita sensualidade, mas também como mãe, companheira ou trabalhadora ao lado dos homens de sua vida, sejam eles pai, filhos ou marido

Todos esses trabalhos analisam a fala do caboclo, linguajar regional, mito, elementos semânticos etc, mas não examinam detalhadamente aquele universo, a história local, as imagens da cidade ou do caboclo fora do mito: o tipo paraense, o tipo alenquerense, ladino, atarracado, presepeiro, o anti-herói, aquele que não exhibe as características físicas dos deuses gregos, mas que se aproxima bastante de Macunaíma, de Mário de Andrade. “É o Miguel o tipo perfeito do nosso caboclo. Acho que ele é o cruzamento de negro com índio. Tem a astúcia e a malícia do nativo, a desenvoltura e a estatura do negro, feições de índio, mas o comportamento é meio do branco.” (MONTEIRO, 1974, p.48).

O mundo desse herói é formado pela magia e mistério que envolve determinados personagens como o Espião de Deus (o cego Euclides), o Padrinho Possidônio nordestino que lhe ensinou quase tudo o que sabia, sempre controlando suas ações através do olhar de aprovação ou reprovação, Pepe-Rico, como o próprio nome já indica, o bem sucedido, que (quase como sempre) não é filho do lugar, o pajé que mexe com o sobrenatural considerado proibido/ pecaminoso pela Igreja, que teme perder o controle dos fiéis, e o frade (Frei Lucas).

Darcy Ribeiro vai mais longe misturando Pedro Malazartes, outro anti-herói espertalhão que vive pregando peças em todo mundo, a Macunaíma para explicar as peripécias de Miguel/Bené:

[...] Bené se encarna em Miguel, malazarte-macunaíma das barrancas, no seu ofício de emprenhador festejado pelas mulheres de todas as raças invasoras. Nelas quer por, se empenha, e põe sua semente cabocla, num miraculoso ritual compensatório de quem foi possuído pelo macho de todas elas e não possui ninguém. Ainda não.

A história do personagem herói-caboclo Miguel dos Santos Prazeres, se inicia em Verde Vagomundo com o encontro entre Miguel (o rústico) e o Major Medeiros (o moderno), este último fazendo a constante ligação de Alenquer com o resto do mundo que fervilha com a Guerra Fria, os avanços da tecnologia, rebeliões, assassinato do presidente dos EUA, através das notícias que ele recebe no seu radinho transistor, enquanto em Alenquer, parada no tempo e no espaço, as únicas preocupações são estritamente locais: a festa do Santo Padroeiro e as intrigas políticas, além das notícias da cheia e da vazante, que norteiam a economia alenquerense, e do antagonismo de crenças cristianismo/ pajelança através das figuras de Frei Lucas e Mestre Piranha, e se encerra com Miguel, encurralado pela polícia no morro que se situa no centro da cidade, onde ele explode todos os fogos objeto de sua promessa para as nove noites da festa de Santo Antônio, e desaparece.

O povo está presente na porta do mercado, nas canoas, na esquina do Didico, pontos estratégicos para saber as novidades, e num eficiente boca-a-boca propagá-las para os quatro cantos da cidade:

Já me contaram – tu pensas – que o pessoal da beira do rio que estava nas canoas vendendo peixe [...] Já o pessoal da porta do mercado, foi os que apreciaram melhorzinho [...] Quando passaste na esquina do Didico pra

perguntar se a casa era a mesma, já toda a cidade estava com os olhos grudados na tua farda e querendo-porque-querendo adivinhar tua autoridade [...] (MONTEIRO, 1974, p.22).

Além de outros teóricos que trabalham com a memória, um dos pontos que queremos dar destaque, utilizaremos como uma das bases a discussão de Marina Maluf, que a considera como “fachos de luz sobre realidades” consideradas quase sagradas para os sujeitos que as detém. Resta-nos, portanto, procurar essas realidades dentro das memórias de Benedicto Monteiro. Na “Terceira Margem”, Miguel faz parte de uma frente de trabalho e a narrativa também se dá pela forma coloquial entre os engenheiros e Miguel. Trata-se na verdade de uma crítica aos grandes projetos pensados para a Amazônia que não incluem os caboclos, os índios, as populações ribeirinhas. Eles não têm lugar no moderno mundo idealizado para a Amazônia. Embora Alenquer não tenha sido “contemplada” em nenhum desses projetos, o personagem vive ali e não pretende transferir-se para outro lugar.

Para trabalhar o tempo histórico nos romances de Benedicto Monteiro podemos nos valer de Alessandro Portelli nos auxiliará em relação ao tempo histórico contido nos romances de Benedicto Monteiro, principalmente em Verde Vagomundo onde a relação tempo/espço está bem forte. A discussão de Portelli nos orientará quanto aos cuidados com o tempo e sua função nos relatos. De acordo com o próprio Portelli, a escrita é uma forma de aprisionar o relato no tempo. Monteiro “salva os fatos” quando os escreve, já que muito da memória oral se perde com a morte daqueles que vivenciaram os fatos, além de sofrer reconstruções com o passar do tempo. Cada pessoa lembra de um acontecimento vivido, de determinada forma, seja devido à posição social ocupada, ou pela própria memória que seleciona apenas aquilo que nos interessa (MALUF, 1995, p. 42).

Os ritos, os mitos, presentes nas obras que pretendemos analisar, também são formas de transmissão da oralidade e de formação de identidade cultural, também nosso objeto de estudo.

É muito comum, por exemplo, o uso de plantas “protetoras” na entrada das casas ou das lojas da cidade: Comigo-ninguém-pode, espada de São Jorge, Arruda entre outras. A planta é utilizada tanto como remédio para doenças físicas, quanto para proteger de malefícios como inveja, mau-olhado, quebranto. Para fazer alguém mudar de casa, basta misturar fezes de gato com terra de cemitério e jogar no telhado da casa do desafeto.

Como o mito e o rito estão muito presentes na memória e na fala, portanto na oralidade das pessoas, Portelli será importante para nos ajudar a encontrar e sistematizar os fatos. A memória está presa a acontecimentos importantes que marcam o tempo na vida das pessoas a partir da importância que atribuem a estes. O historiador quer construir o passado enquanto o narrador quer projetar uma imagem das suas lembranças. A memória, então, é comparada pelo autor a uma lançadeira que vai e volta e se reconstrói de acordo com o tempo em que é chamada a se pronunciar.(PORTELLI, 2004, p.298)

Tempo, espaço, memória e cultura estão muito presentes nessas quatro obras de Benedicto Monteiro e, embora tenhamos procurado estabelecer especificidades para a bibliografia de apoio, é possível encontrar em todas elas discussões acerca dos itens

citados no início do parágrafo porque é o homem que dá sentido ao espaço, ao tempo, à memória e à cultura, existindo uma interligação entre eles. Portanto, Marina Maluf, Ecléa Bosi, Alessandro Porteli, Alistair Thomson, entre outros, que discutem a memória, tempo, espaço, cultura – mitos e ritos, sua importância e perigos para a História, fornecem orientações preciosas para os cuidados que devem ser tomados quando se trabalha com a memória.

Maurice Halbwachs, por exemplo, demonstra que a memória nada mais é que a reconstituição de experiências sejam elas pessoais ou sociais, onde um grupo se reconhece e forma a sua identidade. Como o ser humano tende a fantasiar, o historiador vai ter que interpretar e organizar essas memórias. Pierre Nora, citado por Marina Maluf (1995, p.40), especifica muito bem o porquê dos cuidados que o historiador deve ter ao trabalhar com memória:

A memória é a experiência vivida, carregada pelos grupos vivos, aberta ao movimento dialético da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas sucessivas alterações [...] é vulnerável às manipulações, censura e projeções[...] a memória é um fenômeno sempre atual, [...]uma ligação vívida no presente eterno. A história, ao contrário, é uma reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais.

Como a obra segue a linha coloquial adotada por Monteiro nos quatro romances, percebe-se o contraste entre a linguagem popular e a erudita, esta última falada pelo técnico da Petrobrás, Paulo. Nesses colóquios, além de aparecerem descrições da cidade a partir da percepção de cada um dos interlocutores, surgem novos e exóticos personagens como o negro Tinta, e o coronel Laudemiro.

Outro personagem folclórico é o velho Miléo, imigrante italiano que enriqueceu em Alenquer, dono de infindáveis castanhais e acerca de quem se contavam diversas anedotas caçoando de seu pão-durismo. Uma das favoritas era sobre um incidente ao viajar num navio de luxo quando, para evitar despesas com a compra de um traje de banho apropriado, cortou um de seus pijamas à guisa de calção para os banhos na piscina do navio. “Seu Quincas”, poderoso pecuarista dono de infindáveis castanhais e de uma linda mansão de esquina no centro da cidade, localizada bem em frente à casa dos pais de Benedicto Monteiro, também é citado além de outros latifundiários alenquerenses que contratavam dezenas de caboclos para trabalhar na lavoura de juta, na colheita da castanha, na extração da balata ou como vaqueiros.

Os romances de Monteiro nos dão conta da difícil vida desses balateiros, castanheiros, juticultores, vaqueiros, e de como, através dessa movimentação dos trabalhadores de diversas lides, o povo tomava conhecimento, com precisão, da situação e da movimentação das águas do rio que praticamente comanda a vida e economia da cidade, ao mesmo tempo em que vão descrevendo a natureza e geografia do município:

[...] enchente e vazante comandavam toda a vida. Precisava saber, porque – no princípio da enchente - é que se faz muitas coisas. [...] Já deu água será no Furo do Arroz? [...] A turma de balateiros do Mundico Santiago já subiu bem pro alto. Só vão puxar canoa mesmo na praia grande da volta do Igarapé do Inferno. Nas cachoeiras tem que subir por terra e levar a mercadoria no ombro. Subiram também os castanheiros do velho Miléo: quando o velho Miléo sobe com os castanheiros é porque tudo que é Igarapé está dando água. Nas varjas altas

também estão cortando juta; mas levam os feixes nas costas para afogar na beira do lago. [...] No Itacarará a modo que já não dá mais passagem pro gado a toque. Seu Quincas vai passar o gado todo de batelão, parêsqe. (MONTEIRO, 1995, pp. 104-105).

Bosi (1992) se refere à maneira como a lembrança elege momentos que nos tocam de perto. Percebe-se a importância que tem para Monteiro as reminiscências em torno das festas dos padroeiros Santo Antônio e São Benedito que são os lugares que lhe trazem recordações de momentos gratos de brincadeiras e paixões infanto-juvenis. São Sebastião, padroeiro do bairro do Aningal, onde se concentra o comércio forte da cidade, quase não é mencionado. Até as mudanças do rio também são marcadas pela festa dos dois Santos favoritos. A cheia começa mesmo a partir da festa de São Benedito, da Luanda. A vazante é marcada pela festa de Santo Antônio, padroeiro da cidade. Como o pai era um grande proprietário e possuía até uma máquina de beneficiar arroz que funcionava em um dos aposentos frontais de sua residência no centro da cidade essa movimentação de balateiros, castanheiros, juticultores ou da passagem do gado da várzea para terra-firme e vice-versa, ao sabor dos caprichos do rio era-lhe muito familiar. A água e o Santo estavam sempre presentes em todos os acontecimentos da cidade, inclusive na história de sua fundação:

Qualquer desgraça a culpada era a água! Qualquer benefício o responsável era o Santo. Tudo era atribuído ao milagre do padroeiro Santo Antônio.[...] Sempre que se agravava o verão, a imagem do Santo desaparecia da capela. E a população cada vez mais se convencida de que o Santo indicava o caminho da mudança através do milagre.[...] Santo Antônio foi então fechado em sua redoma de vidro e amarrado cuidadosamente às macias e coloridas cordas às pilastras do altar. [...] encontraram a imagem de Santo Antônio no tronco de uma árvore [...] numa espécie de nicho, cavado num pau -à- toa, que ficava à margem daquele estreito igarapé [...] que depois de varar ilhas, pântanos, matas, campos e infundáveis igarapés, por fim, ainda muito longe, talvez desembocasse no Amazonas [...] Aí nesse local, por cima do tronco dessa árvore, construíram a nova capela e fundaram a nova cidade (MONTEIRO, 1974, pp. 62-69).

E assim é explicada miticamente, poeticamente, em *Verde Vagomundo*, a fundação da cidade de Alenquer num lugar de difícil acesso onde, até hoje, é preciso se tomar um avião ou um navio de Belém até Santarém, baldeação obrigatória para continuar viagem e dali embarcar numa lancha ou barco a motor, enfrentando de três a seis horas de viagem (dependendo da escolha), para finalmente aportar em Alenquer, onde os modernos celulares ficam mudos, como um protesto da cidade recusando a render-se facilmente ao “progresso” e à tecnologia.

A lenda da fundação da cidade contada por Monteiro passa-nos a idéia de que, num determinado momento, os moradores rebelaram-se contra o poder da Igreja, na figura dos frades, e impuseram a construção da capela naquele local, de acordo com seus anseios e sua fé, ao invés desta ser imposta a eles sem levar em consideração a importância do espaço para as pessoas que o habitam.

A memória também pode servir de intermediária cultural entre gerações, na medida em que ela fornece informações muito mais completas e detalhadas do que os registros oficiais, sobre determinado fato ou personagem:

Vejamos um exemplo: Onde está registrado num documento “João de Souza, natural de São Roque, carpinteiro”, pode-se obter ouvindo qualquer passante na sua região:

João, neto de Pedro, o melhor carpinteiro daqui, que fez as traves da Matriz que ainda estão lá, filho do Neco, que herdou a oficina do pai. Neco formou a primeira Banda de ‘São Roque, casou-se com Josefa que cantava na Igreja, filha do seu Dorico que trouxe a uva para cá. Pedro era casado com Luiza, mineira, cujo irmão e o seu Dorico foram vinhateiros’ (BOSI, 1992, p. 147)

Essa intermediação da memória informando pormenorizadamente sobre alguém, indo muito além do que foi perguntado, encontramos em vários momentos nas obras de Monteiro.

Perguntei por Miguel dos Santos Prazeres. Uma pessoa ainda me respondeu perguntando: Miguel, o Cabra da Peste? [...] Não foi aquele que morreu queimado nos fogos de artifício? [...] Falam que ele ainda está vivo e anda num regatão de comércio. [...] diz que tem uns filhos dele espalhados por aí pelas beiras [...] (MONTEIRO, 1983, p.51).

Alenquer em 2007 continua quase que exatamente como a Alenquer de cinquenta anos atrás. Talvez este seja seu verdadeiro trunfo: dar a mágica impressão de retorno ao passado quando se visita a cidade. Esse aparente desinteresse pelo que ocorria no resto do mundo está representada no romance Verde Vagomundo pelo Major que utiliza um radinho transistor para acompanhar a movimentação e a celeridade dos acontecimentos no resto do mundo, enquanto Alenquer parece estática no tempo e no espaço, perdida num labirinto de águas e de verde, mas onde estão bem definidos os poderosos na visão do personagem Miguel:

Quem amarra Alenquer neste verde labirinto? O Senhor sabe? Será que é o prefeito com a política? Será que são os turcos com seu comércio de varejo? Será que é o padre com a festa de Santo Antônio? Será que é o Delegado de Polícia? (MONTEIRO, 1974)

Nos trabalhos de Monteiro percebe-se a presença feminina com a heterogeneidade dos papéis informais assumidos pelas mulheres: mãe, esposa, filha, patroa, companheira e as relações de poder estabelecidas por estas com aqueles com quem convive, a partir da narrativa de experiências, fator imprescindível para se fazer uma história, que não conte apenas o feito isolado dos personagens oficiais ou considerados heróicos.

A tentativa de interpretar a experiência das seringueiras e dos seringueiros do Alto Juruá, portanto, não poderia prescindir de algumas narrativas, colhidas muitas vezes em meio aos trabalhos do dia-a-dia, em que as descrições do passado ganham cores, cheiros, barulhos, contornos nas casas construídas da mesma maneira, na fumaça do fogão a lenha feito de barro, nas galinhas entrando pelas casas e correndo nos terreiros, nos barulhos da mata. [...] as entrevistas trazem muitos elementos para a análise, notadamente quanto aos papéis informais assumidos pelas mulheres (como o de coletora de látex, o de patroa do seringal) [...] uma mulher bastante conhecida no seringal “era um homem”, pois caçava na mata enquanto o marido dava milho às galinhas [...].

Isso acontecia também no estrato dos patrões, no qual encontrei mulheres que assumiam o controle dos negócios, tinham iniciativas políticas e econômicas e padrões de comportamento não muito usuais. (WOLF, 1999, pp. 36-37).

Na Terceira Margem (MONTEIRO, 1983, p.68), ao descrever as mulheres que emprenhou, Miguel faz menção a vários tipos de mulheres: submissa, dengosa, fogosa, infiel e a que foge aos padrões, Latife, a filha do turco:

[...] Falava por ele e pelas filhas que tinha; todas elas de boa estatura e que se gabavam de fazer qualquer serviço de homem, homem-macho.[...] Latife, além de ser forte e bonita era afamada na luta de queda de braço. [...] ele gostava de apresentar e se gabar das machices das filhas dele: tanto nas artes da fazenda, como em lutas que eram só de macho. Todo ano oferecia uma novilha, à escolha, pro cabra que derrubasse a tal de Latife na queda de braço [...].

Uma das personagens femininas citadas nas obras de Monteiro e que realmente existiu foi Maria Taxí. Era uma velha prostituta conhecidíssima na cidade, da qual alguns homens inescrupulosos passaram a abusar e maltratar quando estava alcoolizada. Sua marca registrada eram os óculos escuros tipo gatinho, talvez uma doce lembrança dos seus dias de glória, quando jovem. A prostituição camuflada de diversas formas, ainda é um recurso utilizado pelas meninas pobres de Alenquer (e não só de Alenquer), para sobreviver.

Muitos respeitáveis senhores casados mantinham amásias entre a população feminina. Como a legislação na época não protegia os filhos “ilegítimos”, as crianças bastardas quase nunca tinham o mesmo tratamento dispensado aos seus meio-irmãos. E o destino de mães e filhos nessa situação era a marginalidade social, no sentido de serem rejeitadas pela sociedade e pela Igreja. A primeira lhe negava acesso aos lugares freqüentados pelas famílias, e a Igreja o direito à comunhão às mulheres que viviam amasiadas ou “amigadas” como se diz na cidade. Os filhos eram discriminados por não serem “filhos-família”, não sendo aceitos pela “sociedade” e as filhas geralmente acabavam tendo o mesmo destino das mães, pois os rapazes bem nascidos achavam-se no direito de enganá-las justamente pela sua origem, por não terem um pai que as protegesse e que cobrasse as ofensas cometidas contra elas. Tristes e cruéis mecanismos de defesa do casamento e da indissolubilidade familiar.

Quando fugia após o golpe de 64, Monteiro embrenhou-se nas matas para proteger-se e buscar asilo e apoio de que precisava naquele momento, acompanhado de três amigos fiéis dispostos a tudo para ajudá-lo. Essas matas que o esconderam, também o hipnotizaram e maravilharam a vida inteira, fazendo-o descobrir centenas de tons de verde nunca antes mencionados, esse verde que isola e quase sufoca o caboclo na solidão provocada pela sua imensidão, foram eternizadas em seus romances, numa homenagem àquela que o acolheu, que foi mãe e amiga no momento do perigo.

Na visão das autoridades governistas da cidade e das elites, o rio é um empecilho para o progresso que seria trazido a bordo dos grandes navios, que não conseguem entrar no Igarapé por serem de grande calado.

-Nossa desgraça, Major – disse o prefeito – é esse manhoso igarapé. Veja daqui, como ele é sinuoso e estreito! Agora no verão, ele fica quase intransitável.

Ficamos praticamente sem transporte. A não ser pequenas embarcações, como aquela que trouxe o senhor na semana passada [...] todos os outros navios passam ao largo... lá, lá, lá fora... ao largo, muito longe. (MONTEIRO, 1974, p.41)

Essa idéia distorcida acerca do rio, impede as autoridades de procurarem transformá-lo num aliado, aprendendo a tirar vantagens desse mesmo rio e dessa paisagem que os cerca.

Monteiro preocupa-se não apenas com a mata isolada, mas com o caboclo dentro dela, seus usos, costumes, tradições, sua oralidade peculiar recheada de marcas de linguagem como paresque, ara, aí, su mano, parente, gita, cuíra, rompância, entonado, e o choque cultural desse caboclo em contato com outros personagens, donos de uma cultura mais refinada, de um linguajar mais culto não o deixando descolado na trama, mas interligando-o a outros tipos, mostrando contrastes entre linguagem usos, costumes, tradições de um e de outro, as relações de poder, de produção, contando a história da cidade de Alenquer, à mercê dos caprichos do rio Amazonas que vez por outra enche além da conta e inunda sua rua principal, a Rua da Frente, forçando a utilização da maromba pelas elites para salvar seus móveis, mercadorias, e a enfrentar cobras dentro de casa, nas lojas ou nos arredores.

Para as crianças, indiferentes ou ignorantes do perigo que correm, é uma festa: a rua e os quintais se transformam em enormes piscinas onde elas pescam sardinhas, carás, charutinhas e outros peixinhos com caniços improvisados.

A relação entre espaço/ambiente e personagens reais e fictícios, intercala-se com as marcas lingüísticas que tanto caracterizam os romances de Benedicto Monteiro e isso se torna fundamental para entender os costumes e os mitos da região. A rua por onde transitam os personagens amazônidas de Benedicto Monteiro é o rio.

A canoa tornou-se, por isso, minha casa, minhas pernas, meu trabalho e a única testemunha da minha história. Com ela fiquei sossegado porque aprendi que não adiantava ter muita pressa. [...] Hoje em qualquer lugar eu chego com minha montaria⁶. Não, não quero ir para onde eu não possa chegar remando (MONTEIRO, 1985, p.84).

Por intermédio da linguagem, Benedicto Monteiro vai articulando e definindo as relações do personagem com o mundo que o cerca, com a enchente e a vazante do rio todos os anos, as festas religiosas, as safras de juta e balata, traçando um contraste entre os costumes e a vida da gente da cidade e do “interior” (da várzea, das colônias) e o espaço físico da cidade com os monumentos que lhe são mais caros como a qualquer alenquerense: a Igreja Matriz, o Cruzeiro e o velho e maltratado trapiche que já teve seus dias de glória:

Acordamos diante de Alenquer, o barco já encostado no barranco de um igarapé muito estreito. Só mesmo um milagre ou uma promessa poderia justificar a edificação ali de uma cidade. A não ser a Igreja, que se destaca pela desproporção da arquitetura, e o longo trapiche, já quase totalmente destruído, o resto são casas enfileiradas, como as que sempre se encontram na beira dos rios e estradas. [...] Daqui de dentro da cidade, o morro já não existe. [...] o morro rebaixou-se, achatou-se que, visto da janela da Prefeitura parece apenas um

monturo. Assim como cresceu a Igreja e cresceu o cemitério, o morro nivelou-se num labirinto de ruelas(MONTEIRO, 1983, pp. 50 e 65).

O morro do Cruzeiro assim chamado por causa da Cruz encravada em seu topo, denunciando a origem cristã da cidade, foi praticamente destruído por obra de governantes despreparados e desinformados que viam nele um empecilho para o povoamento e para facilitar a comunicação entre os bairros do Centro e do Aningal. Acreditando fazer uma grande obra, destruíram um dos monumentos da cidade metendo máquinas para rasgar o morro de tal forma, que o cruzeiro ficou parecendo um bolo de aniversário de onde se tiraram todas as fatias pelos lados, ficando apenas aquele montinho no centro para sustentar a vela.

Na obra “Aquele Um” (MONTEIRO, 1985), é possível desvendar o universo do caboclo amazônida em sua relação com a natureza através dos mitos e lendas que povoam o imaginário popular e que influenciam o seu cotidiano, essa relação homem/natureza que foi enfocado de diferentes maneiras por Euclides da Cunha, Bárbara Weinstein, Cristina Scheibe Wolff etc.

A história procura trabalhar com a verdade, com o real, a literatura não tem esse compromisso e relata os mitos, diviniza o herói. A história desconstrói o mito buscando o que há de real, por trás do simbolismo que envolve este mito ou aquele rito. Entretanto, a história desde a Antiguidade se utilizou e se utiliza do mito para preencher lacunas, desempenhando o papel de realidade como uma resposta para as dúvidas, problemas e angústias do ser humano em situações-limite ou de crise.

Na atualidade o mito é visto não somente como representação religiosa, mas também converge para a expressão do pensamento, do símbolo, da linguagem, através de glossários e análises morfo-sintáticas, ou também se dedica à compreensão do imaginário popular. [...] os posicionamentos assumidos por Krappe pretendem que se considere a literatura como um fator cultural que acompanha a evolução da história do homem no Universo e, por tal razão, não se pode dissociá-la da mitologia. (CINTRA E MACHADO, 2002, p. 8).

Miguel dos Santos Prazeres, personagem principal dos romances *Aquele Um*, *O Minossauro*, *A Terceira Margem* e *Verde Vagomundo*, é o herói humanizado marcado pela água, pelo verde luxuriante da floresta, pelas simbologias relacionadas ao meio e ao espaço onde seu feito principal é justamente sobreviver nesse espaço. O contraponto é feito por seu padrinho Possidônio: nordestino cabra-da- peste, um herói do sol escaldante esturricante, marcado pela falta d'água, pela seca, pela violência dos jagunços, pela tocaia.

A luta de Possidônio é do homem contra o homem enquanto a de Miguel é com a natureza para transformá-la em amiga, em despensa e farmácia, de onde possa tirar seu sustento e seu remédio. Possidônio não agüenta a seca e, como tantos outros nordestinos, vem para a Amazônia pensando em voltar, mas como aconteceu com a maioria, foi ficando por aqui.

“O mito é uma narrativa através da qual uma sociedade se expressa, indica seus caminhos, discute consigo mesma [...] O mito nos desvenda não só o presente, mas também o passado e o futuro” (RIBEIRO, 1997, pp.17-18).

Ribeiro (1997) e Cintra e Machado (2002), não consideram *Aquele Um, O Minossauero, a Terceira Margem e Verde Vagomundo* como romances independentes, mas referem-se a eles como “uma tetralogia” que dá seqüência à história de Miguel dos Santos Prazeres, lançando mão na fala do caboclo, de marcas de linguagem numa tentativa de aproximação da fala do povo que fica imortalizada nos romances. A história é toda narrada na 1ª pessoa por Miguel, contando suas aventuras, utilizando o termo regional “aí” como ponte entre suas diversas falas, procurando transmitir “uma visão mítica e social do mundo amazônico”, denunciando a exploração desenfreada e os problemas enfrentados por ele e seus companheiros. “Um herói participante e mítico, voltado para os problemas da sociedade, no momento, mas simbolizando os dramas universais”. (Cintra e Machado, 2002, p. 8).

Benedicto Monteiro fala dos grandes projetos que foram pensados e implantados na Amazônia, colocando dentro deles os personagens que sofreram as suas conseqüências.

O nordestino, figura indispensável na história da Amazônia quando se estuda a exploração da borracha e tem sido incansavelmente abordado por autores como Wolf, Weinstein ou Carneiro da Conceição, veio para Alenquer na chamada fase desenvolvimentista para trabalhar nas colônias, garantindo o plantio e a produção das lavouras de subsistência, prejudicada pela febre da borracha.

A exploração da borracha está presente nas obras de Benedicto Monteiro na figura do balateiro. Porque a balata, uma goma elástica extraída das balateiras, árvore da família das sapotáceas, era uma das riquezas de Alenquer que atraíram a cobiça internacional.

Tais autores se preocuparam em ver essa exploração, essa produção, o aviamento, também a partir do olhar desses personagens considerados de menor ou sem importância pela história oficial, para quem não passavam de meros números estatísticos, sem vida, sem família, anônimos, enfim, um mero apêndice da história da borracha onde esta sim, o principal sujeito. Benedicto Monteiro coloca o balateiro e o nordestino no contexto com outros personagens, mostrando seu sofrimento, a reelaboração da cultura de berço em contato com a amazônica, que se modifica, se adapta, mas deixa suas marcas.

Embora Benedicto Monteiro, seja um romancista, está muito presente sua preocupação em mostrar o pensamento do fraco e a intolerância do forte para com este. Subentende-se a noção de perigo ligada à pobreza, na dura repressão que é imediatamente empreendida contra aqueles que a integram, para que não ousem perturbar a ordem pré-estabelecida pelas elites que detém o poder. E em suas obras, como se fora experiente historiador, imortalizou Alenquer, contando a história do povo que também é a sua, evidenciando todos os personagens, suas relações econômicas e sociais, sem dissociá-los da natureza, da família, das suas experiências, como se com isso pudesse resgatar anos de esquecimento e de segundo plano, dando voz e vez também ao oprimido.

4 O MUNDO DO TRABALHO

O próprio nome do romance Verde Vagomundo já dá a idéia de amplitude, de espaço pouco povoado, cercada de verde por todos os lados. Verde da mata, verde da água, o universo mágico da cidade de Alenquer, isolado do resto do mundo e que acaba empurrando seu caboclo para uma das atividades ligadas à economia da região, balateiro, juticultor, castanheiro ou lavrador, como meio de subsistência complementada pela caça e pela pesca.

Essas atividades não estavam dissociadas da figura de um patrão que praticava o sistema de aviamento consistindo num adiantamento em mercadorias e um pouco de dinheiro que seria pago com a entrega da produção. Descontadas as despesas, o aviado receberia o saldo. Dentro da área de trabalho, na mata, havia o barracão para continuar o fornecimento do que o trabalhador necessitasse. Os preços praticados nesses barracões, geralmente eram extorsivos quase não dando margem de lucro ao empregado, forçando-o a manter-se endividado e trabalhando para o patrão.

Em Verde Vagomundo (MONTEIRO, 1974), o major vai a Alenquer para receber a herança de seu pai, grande proprietário que praticava esse mesmo sistema com seus empregados:

Tio Jozico [...] fora mero administrador, capataz, fiscal, cobrador das rendas e recebedor de todos os produtos. [...] Pelas suas mãos tinham passado frutos, sementes, fibras e látex [...] O suor, o suor dos escravos; o sangue, a vida e morte dos caboclos também eram controlados por tio Jozico e negociados por meu pai como produtos.

Em Alenquer, tanto os balateiros como os castanheiros ou os trabalhadores de várzea podiam conseguir um dinheiro extra com peles de animais caçados por eles, como onça e jacaré, muito apreciados no comércio internacional.

4.1 O BALATEIRO

Um dos produtos mais importantes da economia alenquerense, a balata, tal como a borracha, enriqueceu muitos latifundiários mas acabou também dando chance a uns poucos balateiros de alçar-se à condição de patrões.

Quando um patrão bem sucedido explorava novas áreas, os mantimentos, inclusive carne salgada, eram acondicionados em latas de querosene que depois de lavadas e cheias de mantimentos eram cuidadosamente soldadas e transportados em aviões monomotores (os teco-tecos), que as jogavam em clareiras no meio da floresta indicadas com sinais de fumaça pelos balateiros que já se encontravam na selva. O avião dava várias rasantes para chamar a atenção dos homens. Entretanto, na grande maioria

das vezes tudo era levado de canoa e onde o rio deixasse de ser navegável por causa de cachoeiras ou corredeiras, o jeito era arriar e levar na costa e puxar as canoas.

Segundo o Sr. Dílson Mesquita cujo pai já falecido, Antonio Mesquita de Sousa, foi um desses balateiros que fez fortuna e se tornou grande empresário da balata,

‘ Dependendo do acordo com o patrão, alguns balateiros contratavam um empregado para transportar seus fardos na subida e na descida os blocos de balata. Esses empregados também eram utilizados para caçar, e ferver o leite da balata para fazer os blocos. Os blocos, que eram ferrados como se ferrava uma rês com a marca do balateiro, tinham um buraco no meio para facilitar a lingada. A lingada consistia num cabo de aço onde se enfiavam os blocos de balata e pedaços de madeira para mantê-los flutuando quando jogavam cachoeira abaixo e iam pegar bem mais adiante aproveitando a correnteza para facilitar o transporte. Era difícil arranjar desses empregados para o Pedro Lopes porque ele fazia os blocos muito grandes, numa base de 100 a 110 kg’.

Como era proibida a utilização de bebidas alcoólicas nos balatais para evitar conflitos, os balateiros burlavam a vigilância tomando vidros inteiros de Biotônico Fontoura. Além do fortificante, era indispensável o contra-veneno dos pretos do Pacoval, utilizado contra picadas de animais peçonhentos, o “*Específico Pessoa*”, homeopatia considerada muito poderosa contra picada de cobras, quinino para malária e cibalena.

Entre os balateiros de Alenquer, havia muitos oriundos do Pacoval como Raimundinho Caripuna, Pedro Sá, Carmito e Nego Carolino. Então eram comuns a utilização de puçangas e rezas para proteção, como um cordãozinho de algodão que muitos balateiros traziam presos ao tornozelo. Outro ritual para garantir a volta com vida para suas famílias, era jogar no rio uma peça de roupa no local conhecido como curva do Paraíba, entre Pacoval e Curuá.

Os balateiros do Pacoval também faziam questão de dançar o marambiré para o patrão. Por isso, calculavam a data da subida de modo que o Sr Mesquita pudesse acompanhá-los até o Pacoval e lá, então, faziam uma última apresentação antes de embrenhar-se na selva.

No enxoval do balateiro não podia faltar a rede com o mosquiteiro de tarlatana nem a carapuça que consistia numa touca impermeabilizada com o próprio látex da balateira para proteger os cabelos do leite, quando subiam ou desciam da balateira sangrando a árvore.

O balateiro, para exercer seu trabalho, precisava subir nas altas árvores de balata e para isso utilizava-se de longas esporas que lhe permitiam apoio, fincando-as no tronco tanto para subir como para descer da balateira, pois os talhos para extrair o leite eram feitos até nos galhos mais altos para aproveitar ao máximo cada árvore. Essas esporas eram colocadas sobre perneiras feitas com peles de animais para proteger as pernas. Na cintura, um grosso cinturão de couro provido de argolas por onde passava um cabo de aço que abraçava a árvore e o balateiro para lhe garantir segurança na subida e na descida.

A distância era contada por “tombos”. Segundo o Sr. Mesquita, o tombo significava cada vez que o balateiro era obrigado a arriar a carga para descansar até chegar a um rio ou uma cachoeira. Sílvio Meira (1984, p.216), diz que os tombos

aconteciam quando o homem “sobrecarregado como um animal “ era obrigado a pedir para parar porque não agüentava mais e precisava descansar um pouco. Ele também descreve várias vezes a balata e suas utilidades através da fala dos personagens.

A balata possui cinquenta por cento de guta e quatro por cento de resina. É isolante, os ingleses e americanos precisam dela para material telefônico, elétrico, telegráfico, eletrônico e iluminação. Fazem polias, correias de transmissão, válvulas mecânicas e servem até para cobertura de casas. (IDEM, 1984, p.28).

A figura do balateiro é uma importante menção de Monteiro em Verde Vagomundo. No auge da balata, quando estes desciam da floresta para a cidade após receberem seu saldo, sedentos de mulher e diversão, provocavam reações contraditórias na população num misto de temor e admiração. Alguns consideravam-nos desordeiros e perigosos por suas armas e seu comportamento irreverente ou pelo fato de estarem quase sempre alcoolizados e à menor provocação sacarem de seus revólveres para resolver as ofensas à bala. Geralmente andavam pela cidade com as camisas abertas mostrando nos pescoços suados pesadas correntes de ouro, sinal da súbita prosperidade.

Quando bêbados, divertiam-se barulhentemente estourando foguetes e, algumas vezes, dando tiros a esmo como se estivessem soltando pistolas. Os teco-tecos que os traziam faziam piruetas nos céus da cidade, levando a população a sair de dentro de suas casas para admirar a ousadia dos pilotos, como “Seu” Isidoro, que viravam o aparelho de cabeça para baixo ou então faziam-no despencar em parafuso em piruetas que deixavam as moçóilas encantadas. Gastavam sem pena o dinheiro que ganhavam em meses de sacrifício e privações nos balatais, daí a expectativa da população diante da noite dos balateiros na barraca do Santo.

Quando iam para os balatais onde passavam cerca de seis meses, ao chegarem na Curva do Paraíba, entre Pacoval e Curuá, jogavam peças de roupa no rio num estranho ritual que magicamente lhes garantiria o retorno com vida para suas famílias.

Outras discussões em que pretendemos nos apoiar são os textos de Bárbara Weinstein, Cristina Scheibe Wolf, e Marília Ferreira Emmi, que tratam da exploração da borracha (que em Alenquer, no caso, vai ser a balata) e da castanha. Tanto a exploração da balata como da castanha, por se tratarem de extrativismo puro e simples, envolvem a sobrevivência no meio da floresta, navegação em rios, travessias de cachoeiras e as relações de poder entre o “dono” do balatal e dos castanhais. Do mesmo jeitinho que os seringalistas enriqueceram, estes também enriqueceram.

Existe uma grande semelhança entre a história do seringueiro com a do castanheiro e a do balateiro no que tange ao local e à dureza do trabalho. Mas é preciso que se faça uma ressalva no caso dos balateiros alenquerenses. Eles conseguiam tirar grandes saldos que gastavam rapidamente com jóias, roupas extravagantes, farras e mulheres na cidade. Acabado o momento de prosperidade voltavam à floresta para recomeçar tudo outra vez.

Além das questões de memória, natureza e sobrevivência na floresta, questões de gênero, essas discussões servirão como ferramentas para entender a questão da formação da identidade local. Em todas as obras de Benedicto Monteiro estão presentes

personagens verdadeiros. Alguns com nomes ligeiramente modificados para preservar a identidade, mas facilmente identificáveis pela população local uma vez que as memórias de Monteiro fazem parte da memória de um grupo. Esses personagens são apresentados, geralmente, enredados com suas atividades ao meio ambiente caprichoso com as cheias e vazantes do Amazonas. Um deles, Mundico Santiago, uma espécie de seringalista da balata, acabou morto em uma briga no balatal na década de 60.

O assassino, Geraldão, foi trazido para a cidade e encarcerado na antiga Delegacia de Polícia de Alenquer acabando justificado por dezenas de balateiros comandados por um dos irmãos do assassinado. O episódio que não está narrado pelo autor aconteceu por volta de um meio-dia de sol escaldante, quando a cidadezinha dormitava após o almoço. O plano inicial era tirar Geraldão da cadeia e linchá-lo em praça pública, mas os balateiros, nervosos, ao invadirem a delegacia, inexplicavelmente não encontraram a chave da cela que se encontrava pendurada na parede por trás do único guarda que dava plantão na delegacia. Resolveram então utilizar a janela da cela que dava para a praça da Matriz, e por lá crivaram de balas o preso que tentou inutilmente se proteger usando a maleta como escudo. Não se tem conhecimento de alguém que tivesse reprovado a ação ou de que alguma condenação pela morte de Geraldão. Sabe-se apenas que a família mandou o irmão de Mundico para outra cidade.

Segundo Maluf (1995, pp.44-45), o grande problema para o historiador será justamente “dessacralizar” essas memórias, suspeitando e buscando dentro delas as experiências pessoais e grupais, através do filtro da lógica e racionalidade histórica, indo além do que foi lembrado, analisando as diferenças e contradições. Por ser saudosista, a memória tende a guardar os bons momentos esquecendo ou tentando anular aquilo que incomoda ou que constrange, como se o passado tivesse sido perfeito. O historiador deve então ir além do imaginado, desconstruindo e reconstruindo os relatos, reimaginando o já imaginado

Neste excerto do Minossauro, Monteiro dá uma ligeira idéia das dificuldades enfrentadas por balateiros e juticultores. Os primeiros em seu trajeto para os balatais: seguiam de canoa até onde o rio se transformava em cachoeiras, tornando-se intransitável. Quando isso acontecia precisavam carregar a canoa e as mercadorias no ombro, por terra, até alcançar um lugar onde o rio pudesse ser novamente navegado.

4.2 O JUTICULTOR

O juticultor, apesar de não exercer seu trabalho na floresta, também era uma espécie de “aviado” já que os Bancos colocavam uma série de obstáculos para conceder-lhes financiamento, preferindo operar com quem oferecesse garantias de pagamento. Assim, o trabalhador continuava sujeito a um patrão que lhe fornecia mercadorias e um adiantamento em dinheiro para pagar no final da safra.

A lavoura da juta possuía duas modalidades: para produção de fibra, nas várzeas e para produção de semente em terra-firme, na colônia.

Alenquer era a única cidade do Brasil a produzir semente de juta. Por esse motivo, o Ministério da Agricultura instalou no km seis da Estrada Lauro Sodré, que

atravessa a Colônia Paes de Carvalho, a Base Física de Alenquer, chefiada por um engenheiro agrônomo nomeado diretamente pelo Ministério, e que era dotada de imensos armazéns para receber a semente de juta que depois de classificada era vendida para o governo, através do documento chamado AGF (Aquisição do Governo Federal). O Banco do Brasil intermediava o financiamento, a compra e a venda da semente.

Nessa modalidade, muitos colonos conseguiam trabalhar sem a intermediação de terceiros. Os técnicos da Base Física fiscalizavam as áreas, analisavam o solo para ver se era adequado para o tipo de produção que se esperava e, caso positivo, o colono fazia um contrato com o Ministério da Agricultura obrigando-se a vender a produção para o governo. Munido desse contrato, dirigia-se ao Banco do Brasil onde recebia um financiamento dividido em parcelas para cada etapa do plantio. Assim, caso houvesse algum imprevisto, era possível evitar um maior prejuízo. É claro que grandes latifundiários também atuavam explorando os posseiros que viviam em suas terras ou em terras que diziam serem suas. Mas havia a possibilidade, como houve, de pequenos produtores mesmo sendo apenas posseiros de terras da União negociarem diretamente com o Banco.

Já os juticultores da várzea, sujeitos aos caprichos das cheias que vez em quando levavam água abaixo toda a sua lavoura, dificilmente escapava do intermediário. A lavoura da juta para produção de fibra era muito dura. Quando a juta já estava no ponto de corte, o trabalho não parava por aí precisavam carregar os feixes até a beira do Igarapé para “afogá-la”, isto é, mergulhá-la dentro d’água para que as fibras hidratassem, requisito necessário para que pudesse continuar a ser trabalhada posteriormente, até atingir o estágio final para a venda.

O plantio da juta ocorria no início da enchente dos rios da região, geralmente no mês de dezembro e a plantação era feita através de aviamento [...] o sistema se dava da seguinte maneira: uma pessoa de influência da várzea vinha fazer o negócio com os comerciantes e eles aviavam as sementes, algumas mercadorias e instrumentos de trabalho; a pessoa se comprometia em produzir a juta, malva e a semente, para pagar sua dívida e tirar algum saldo. A pessoa que era responsável pelo negócio procurava outras para trabalhar com ela [...] lá pelo mês de maio ou junho, era feita a colheita. Primeiro cortava-se a juta [...] mais ou menos de tres palmos de haste de juta, e eram colocados de molho nas águas do rio para amolecer. Ficavam sob as águas num período de 15 a 30 dias para depois serem retiradas e lavadas [...] estendidas para secar [...] feitos os fardos.

Esse trabalho era feito dentro do rio ou igarapé, com a água pela cintura e, às vezes, até a altura do peito se fosse uma enchente grande. Estavam sujeitos a ataques de arraia, cobras ou outros animais marinhos menos amistosos. Constantemente contraíam malária por causa dos carapanãs que abundam na várzea.

4.3 O CASTANHEIRO

Em Alenquer, quase todas as atividades envolviam o sistema de aviamento. Os lavradores ou coletores, extremamente pobres como a maioria da população, não tinha como se manter até a colheita. Mesmo depois dela, a miséria continuava a rondar seus

lares. No caso dos castanheiros, tal como no caso dos balateiros, o pai de família e às vezes os filhos maiores precisavam deixar a família para se embrenharem nos castanhais. Para que os que ficavam não passassem muitas necessidades, era preciso deixar-lhes um “rancho”⁷e algum dinheiro para as emergências mais prementes como uma doença mais grave onde os chás e as benzedadeiras não funcionassem.

Os castanheiros eram aviados pelas grandes firmas comerciais como A. Vallinoto & Cia, financiada pelos grandes Bancos como o Banco do Brasil, Banco Nacional Ultramarino S/A, Banco da Amazônia S/A e Banco Moreira Gomes, segundo informações prestadas pela Srta Olinda Vallinoto a José Ubaldo de Oliveira Reis em 1992.

A exploração da castanha em Alenquer tomou fôlego entre a década de 1910 e 1920 quando aumentou a procura do produto no mercado internacional. Nessa época, Alenquer estava acabando de receber uma leva de imigrantes italianos, judeus, sírio-libaneses chamados pelo povo de “turcos”, portugueses e japoneses. Quase todos direcionaram suas atividades para o comércio e o extrativismo, principalmente entre os italianos, judeus e sírio-libaneses, que logo estabeleceram relações comerciais com casas aviadoras internacionais, formando a cadeia de aviamento tão utilizada na Amazônia.

No Mamiá, região do Curuá em Alenquer, foi instalado um barracão que aviava os castanheiros quando acabavam os mantimentos que ele havia trazido consigo (que também haviam sido fornecidos pelo patrão-comerciante de Alenquer). Esses barracões também eram utilizados para armazenar a castanha à espera do transporte para a cidade.

Como não podia deixar de ser, a riqueza da castanha deixou suas marcas na cidade, através de uma urbanização onde foi priorizada a construção do trapiche, provido de grandes galpões para armazenar os produtos que seriam exportados. A Rua da Frente como é conhecida a atual Avenida Getúlio Vargas, encheu-se de casas comerciais e residenciais que espelhavam a situação financeira de seus proprietários. Enfim, a cidade começava a sentir o sopro do “desenvolvimentismo”.

Mas todo esse monopólio econômico esse domínio social não aconteceu passivamente. Na colônia de Alenquer, inspirada na recente Revolução Russa de 1917, os colonos alenquerenses liderados por Severino Sousa também tiveram seu sonho de liberdade e tentaram fundar, em 1920, um soviete que lutaria contra o governo, comerciantes ou qualquer autoridade constituída que se opusesse aos seus ideais de igualdade social. A determinação dos colonos era tanta, que a Brigada Militar do Estado não conseguiu dominá-los. Foi a Igreja, através do sentimento de religiosidade muito forte do povo alenquerense que, através do pároco local, Secundo Bruzzo, apaziguou os ânimos, após três dias de negociações. (REIS,1993, pp.19 e 29).

4.4 O PESCADOR

O pescador é figura característica do bairro da Luanda. A pesca foi uma das saídas para a sobrevivência dos descendentes de ex-escravos e a população pobre que residia no bairro da Luanda. Como tem sido exaustivamente discutido ultimamente, a

abolição da escravidão sem uma política de inserção social para o negro, deixou-o completamente desamparado, a mercê de ódios e preconceitos pela sua cor e condição. Ele, que nos tempos da escravidão era utilizado em todas as tarefas imagináveis, repentinamente não serve mais para aquelas atividades e é praticamente jogado na rua ou se sujeita a continuar na casa do seu antigo senhor, quando este o permitia, em troca de um prato de comida e um lugar para morar.

A grande maioria, de repente se viu na rua, sem aceitação nem profissão definida. O jeito foi aprender a pescar para matar a fome e, de quebra, vender o seu pescado excedente para terceiros, aí também incluídos os brancos e com isso garantir a aquisição de produtos como querosene para as lamparinas, sal e outros mantimentos que não pudessem produzir. Muitas famílias fabricavam o sabão que utilizavam a partir de gordura e cinzas. Todas as casas tinham nos seus quintais pequenos animais como porcos, galinhas, patos, perus e picotes (galinhas d'angola). Sobre estacas faziam os leirões de verduras para escapar do apetite dos animais, sempre famintos. Procuravam ter árvores frutíferas. Plantavam bananeiras, enfim tudo o que pudesse ajudar na subsistência.

As mulheres que não podiam ou não queriam sair de casa para trabalhar como domésticas em casas de família, lavavam e engomavam para fora, faziam doces, salgados e outras guloseimas que os moleques da casa saíam para vender em tabuleiros. As frutas colhidas eram colocadas estrategicamente nas janelas das casas para tentar os passantes a comprá-las. As meninas, assim que se firmavam melhor nas pernas, eram enviadas para as casas de famílias para trabalharem como babás ou auxiliarem nos serviços da casa, com a promessa de receberem o que comer e o que vestir e poderem estudar, o que quase sempre não acontecia. Era comum verem-se crianças carregando, com dificuldade, outra criança quase do seu tamanho e, tão logo se tornavam mocinhas, eram seduzidas e abandonadas pelo filho do patrão.

Conhece-se apenas um caso em que o filho de tradicionalíssima família casou-se com a empregada da casa, mas foi totalmente desprezado pela família com exceção de uma das irmãs que sempre o auxiliou financeiramente. Mesmo assim, o jovem de futuro promissor, retirado o auxílio da família, transformou-se num humilde barbeiro, e pescador nas horas vagas. A pesca, portanto, era uma garantia de comida na mesa e, com um pouco de sorte, de conseguir alguns trocados.

Os apetrechos do pescador eram a tarrafa, o espinhel, o arpão, o anzol, a lamparina de carbureto, e o “varijão” para empurrar a indispensável canoa.

São comuns as expressões pitiú, empitiuar para se referir ao desagradável cheiro que o peixe costuma deixar na casa e nas mãos, apesar de todo o limão utilizado. Como o pescado era a base da alimentação do povo da Luanda, pela profissão dos moradores e pelo preço mais baixo em relação à carne (nem se ouvia falar em frango de granja.), e as crianças eram as maiores condutoras do cheiro de pitiú, o povo da Luanda passou a ser apelidado por seus desafetos de pitiú. E o sabonete Eucalol, era apelidado de Eucari (Eucalol + Acari) porque as mocinhas após se deliciarem com o acari⁸ assado, tentavam disfarçar o pitiú lavando as mãos com o referido sabonete, mesclando-se os dois odores.

5 FESTAS E TRADIÇÕES

Todos os anos o Santo é trasladado para a capela de um dos bairros. Antigamente, como no romance *Verde Vagomundo*, só existiam três bairros propriamente ditos: Luanda, Aningal e Centro. Como a Matriz (não podia fugir ao padrão vigente) situava-se e situa-se no centro da Cidade, a trasladação do Santo no dia 31 de maio, após a coroação de Nossa Senhora, alternava-se ora para a Luanda ora para o Aningal.

Quando o Círio saía da capela de São Benedito, no dia seguinte, o povo ficava na expectativa do espetáculo que seria o trajeto da procissão. Os moradores do bairro passavam a noite inteira enfeitando as ruas com serragem colorida formando figuras sacras e saudações ao Santo, espalhando folhas cheirosas como canela, manjerição, “vindicá,” alecrim, catinga-de-mulata e flores. Arborizando provisoriamente todo o percurso, pirimeiras⁹ enfeitadas sustentam cordões de bandeirinhas e balões coloridos.

As toalhas e colchas mais bonitas são expostas nas janelas das casas. Pequenos altares são improvisados com os Santos da casa, se não houver uma imagem de Santo Antônio, porque imagem de Santo Antônio ideal para se ter em casa deve ser dada ou roubada. Crianças vestidas de anjos, empoleiradas em andaimes improvisados camuflados por nuvens de filó ou de cetim, jogam pétalas de rosas sobre o Santo, e foguetes, muitos foguetes. Um verdadeiro espetáculo do bairro dos artistas como eles gostam de ser chamados.

Rito e mito, portanto, estão constantemente entrelaçados não havendo possibilidade de um existir sem o outro porque as cerimônias funcionam como prática e vivência daquilo que é verbalizado consolidando o mito no seio da comunidade não só em momentos de crise, mas também nos momentos de equilíbrio através das constantes repetições. A queima de fogos, por exemplo, remete a rituais e heróis pagãos como Prometeu que envolviam o fogo, como algo sagrado do domínio dos deuses.

Gusdorf e Campbell são citados por Castro (2006, p.31) acerca da importância do simbolismo dos mitos para o povo que procura apoiar-se em forças superiores através de rituais mágicos que lhes dão esperança de conseguir auxílio em momentos de crise, enquanto Grassi concorda que o mito e o rito funcionam como uma espécie de alívio para suas dúvidas e aflições e é aí que entra a figura de Santo Antônio, principalmente entre as camadas interioranas que se encarregam de “misturar o real com o maravilhoso”.

Ele cita por exemplo o caso dos políticos (a política é mencionada por Benedicto Monteiro como um dos interesses maiores da população de Alenquer) que passam a encarnar para essas pessoas humildes a figura de um herói, do salvador da pátria, atribuindo-lhes poderes para resolver suas angústias e necessidades.

Uma das menções mais freqüentes em Verde Vagomundo é a festa de Santo Antônio e como ela afeta a população da cidade. Santo Antônio é aquela entidade capaz de resolver todas as aflições do povo, aliviar-lhes as opressões e angústias. Mas, para isso, é preciso agradá-lo. A ele recorre-se para curar doenças, achar objetos perdidos, conseguir emprego ou arranjar marido. Inconscientemente, para o povo, a figura do Santo sobrepõe-se num primeiro plano, e Deus passa a ser uma espécie de coadjuvante. Os frades perceberam isso e esforçam-se por lembrar a hierarquia divina ao povo após os vivas a Santo Antônio, dando vivas a Nossa Senhora e à Nosso Senhor Jesus Cristo.

O povo alenquerense criou, ao longo do tempo, uma ritualização toda especial para a festividade de Santo Antônio, envolvendo prêmios e castigos determinados pelo Santo. Conta-se, por exemplo, que um grande pecuarista ao ser visitado pela comissão encarregada da arrecadação do gado para o Santo, recusou-se a doar um mamote. Alguns dias depois, dez dos seus animais mais bonitos morreram envenenados comendo uma erva venenosa que cresce no meio da pastagem, conhecida pela população local como manhorana. Agradar ou desagradar o Santo pode garantir proteção ou desencadear castigo.

[...] deve-se dispensar especial atenção às funções (homeopática ou imitativa e contaminante) da magia e dos ritos, pois, destes elementos de valor positivo, dependerá o bem-estar da tribo [...] Frazer (1956) mostra que, na ritualização, as crenças religiosas e a magia se combinam, pois, nestas práticas, os participantes utilizam recursos mágicos (aspersão de água com ramos de árvores [...]), mas também rezam e fazem oferendas que são ritos puramente religiosos [...] Malinowsky [...] considera o elemento mítico uma força cultural ativa, exercendo importante função dentro da sociedade, ligada ao ritual religioso e à moral do povo. [...] por outro lado, o antropólogo consegue destacar a aproximação entre mito e rito, salientando que um consegue cristalizar o outro, no seio das sociedades, por meio da influência psicológica dos rituais [...] esses fatos, além de codificarem e acentuarem as crenças, por meio de acontecimentos vividos e vivenciados [...] esses elementos são considerados instrumentos de fé e de sabedoria moralizante que determinam, na vida presente, as atividades humanas, e também fortalecem o sentimento de solidariedade, no grupo social [...] (CASTRO, 1996, p.20)

A chegada dos romeiros vindos do interior do município trazendo consigo toda sorte de oferendas para o Santo, geralmente pequenos animais, frutas, farinha e outros produtos para serem leiloados no arraial após a trezena, era um espetáculo digno de nota com as embarcações de todos os tipos enfeitadas com bandeirolas coloridas. Anunciavam-se soltando foguetes desde a entrada da cidade. O gado, doação dos mais endinheirados, com direito a menção do nome no programa, era e é entregue em separado, num curral improvisado no quintal do antigo SESP cuja frente dá para os fundos da Igreja Matriz, sendo leiloado no dia da festa após a missa solene, pela manhã, regado a muito uísque para estimular a generosidade dos lances.

No dia do Círio (1º de junho) e da festa (13 de junho) às 5.00h da manhã a alvorada de fogos e o repicar de sinos são respondidos em todos os bairros e capelas da cidade. Ao meio-dia a cena se repete com os moradores da cidade juntando-se à homenagem oficial. Nesses dois dias essa manifestação é acompanhada por música tocada pelas bandas locais no coreto da praça.

Tradição indispensável, os velhos dobrados se repetem todos os anos (os mesmos desde antes de 1950 - o povo não admite inovações) tocados por uma banda que acompanha a procissão logo atrás do andor do Santo. O interessante é que essa Banda só se forma e reúne para tocar na época da festa. Os ensaios, que já integram as festividades, por acontecerem próximo à matriz iniciados invariavelmente pela interminável afinação dos instrumentos há vários anos ocorrem na residência do João “Tinga”, vigia do Colégio Santo Antônio e saxofonista por vocação nas horas vagas, tornando-se uma atração à parte.

“Tinga” tem essa alcinha devido a uma mordida de jacaré da espécie Tinga, que além das profundas cicatrizes na perna esquerda, deixou-o ligeiramente manco. Ele mora na travessa lateral à Matriz no antigo casarão dos Souto e ensinou dois de seus filhos a tocar o instrumento, de forma que a banda recebe um reforço admirável com três saxofonistas da mesma família.

Um dos simbolismos exigido pelos devotos que superlotam a Matriz durante a trezena é o uso de incenso e água benta em abundância, aspergida durante o canto de Salve Grande Antônio, hino final obrigatório encerrando a liturgia. Quando chega algum padre novato, convidado para celebrá-las, ele logo é alertado dessa tradição. Mais recentemente, Frei Juvenal, tentando fazer gozação com essa exigência dos fiéis, passou a percorrer a Igreja com um balde d’água, carregado por dois coroinhas, que terminavam a cerimônia completamente ensopados, e utilizava-se de um ramo de benjaminzeiro para aspergi-la. O povo adorou, passando a exigir que os outros padres fizessem o mesmo. Aliás, essa prática do raminho começou depois que a pesada cabeça do aspersor de prata se soltou durante uma dessas cerimônias e, milagrosamente, não atingiu ninguém na igreja superlotada de devotos. Milagre atribuído a Santo Antônio, claro!

A queima de fogos, intenção maior de Miguel dos Santos Prazeres no romance Verde Vagomundo, é um dos mais importantes símbolos da festa tornando-se mais emocionante se acompanhado pelo repicar festivo dos sinos. É a maneira como os devotos agradecem a Santo Antônio. Todas as vezes que o sino da Matriz repica nos dias da festa, que são treze na realidade e não nove, é de praxe que se estourem foguetes, criando um incrível clima de euforia e emoção na cidade. Principalmente ao toque do meio-dia, seis horas da tarde, antes e depois da trezena, quando os noitários disputam entre si, tentando queimar muito mais fogos que seus concorrentes.

Todo mundo sabe que a noite de Pepe Rico sempre se destaca das demais no novenário. Este ano, além das ornamentações com balões coloridos na barraca do Santo, ele deseja também queimar fogos de artifício. Os seus 120 balateiros abonados na véspera, já não bastam para jogar foguetes a toda hora e por todos os lados, ele precisa chamar a atenção do povo para uma coisa nova [...] Além da banda de música que toca no coreto, Pepe Rico contratou um conjunto vindo de fora só pra tocar na barraca do Santo. As mesas estarão todas adornadas com vitórias-regias [...] Todo mundo aguarda a já famosa noite dos balateiros. Até eu, já estou envolvido nesta expectativa diante de tanto entusiasmo. (MONTEIRO, 1974, 199)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável a contribuição de Benedicto Monteiro para a literatura nacional e, principalmente, para a regional tão pouco divulgada, pela preferência dada aos escritores das regiões sul / sudeste. A maior prova dessa importância foi a repercussão que suas obras tiveram no exterior forçando a crítica e a mídia brasileira a voltarem sua atenção para o trabalho desenvolvido por Monteiro, passando a reconhecer sua competência e valor.

Talvez de início, as preferências políticas de Benedicto Monteiro tenham sido fator preponderante para o pouco interesse demonstrado por suas obras, uma vez que não era muito seguro declarar-se abertamente favorável ou simpatizante de alguém considerado comunista, por defender idéias que contrariavam o interesse das elites.

Misturada às denúncias presentes na fala de seus personagens, ele conta sua história de vida que se mescla à história da cidade e das pessoas que viveram com ele naquele período de sua vida. A sua memória se confunde com a memória de um grupo de pessoas com pequenas variações levando-se em consideração o ponto de vista de cada um e de que nossa memória seleciona para guardar aquilo que lhe é mais caro, mais agradável, daí o saudosismo dos mais velhos quando utilizam a expressão “no meu tempo...” quando dirigem o relato de alguma memória sua a uma pessoa mais jovem.

A cidadezinha de Alenquer está muito presente nas obras de Monteiro, mostrando um saudosismo forte e dolorido como bem sintetiza Darcy Ribeiro quando diz que “não existe uma Alenquer tão linda, tão viçosa como a que se cristaliza nos recordos de Bené”, e que como um demônio que se apossa dele precisando ser exorcizada de vez em quando para aliviar as saudades.

Aliás, fato curioso e que não é mérito apenas de Benedicto Monteiro, essa saudade aguçada que ataca constantemente os filhos de Alenquer, principalmente aqueles que precisaram se afastar dela (e não são poucos), para poder continuar os estudos, seguir carreira, ter seu talento reconhecido pelo Brasil afora ou simplesmente procurar melhores condições de vida. A separação foi apenas física. Alenquer está sempre presente, no peito e na mente, pronta a saltar a qualquer momento, se intrometendo nas conversas e nos planos de cada um de seus filhos.

A maioria dos alenquerenses aproveita os treze dias da festa do padroeiro para rever Alenquer, a Matriz, o Cruzeiro, comer acari e se possível, um tracajá que sempre aparece nessas ocasiões burlando a fiscalização do IBAMA. A chegada é uma alegria só. Na volta, Alenquer vem junto, no coração. E sempre é tempo de marcar um outro encontro como se faz com uma amante querida que se ama muito, mas por este ou aquele motivo mais forte não se pode assumir.

Os alenquerenses radicados em Belém mantém uma rede de informações tão eficiente, que tudo o que acontece em Alenquer é repassado rapidamente boca a boca ou por telefone, de modo todos se atualizam constantemente com o que acontece na cidade ou com outro alenquerense. Um exemplo disso é o velório de um conterrâneo aqui em Belém. Logo se forma uma corrente de telefonemas informando, avisando, convidando

(mesmo que quem convide não seja um parente ou amigo íntimo do falecido) o lugar onde o corpo será velado e a hora do enterro.

A dor dos enlutados se mistura à satisfação de ver que os conterrâneos estão lá, em peso, prestando sua solidariedade, ao tempo em que aproveitam para se rever e colocar em dia as últimas notícias da terrinha.

Benedito Monteiro vivenciou tudo isso e contou com maestria como é a vida, a esperança, o sofrimento e a exploração do caboclo amazônida, alenquerense, trazendo sua oralidade peculiar e suas dores, sua cultura para a literatura mundial. De repente, Alenquer deixou de ser apenas uma cidadezinha considerada comunista na época da ditadura militar passando a ser mostrada em toda a sua beleza e plenitude, talvez exagerados pelo saudosismo de Monteiro como bem faz referência Darcy Ribeiro, para o mundo inteiro com seu verde de florestas e de águas, o porque de sua difícil localização, suas lendas, sua história capturadas e eternizadas pela pena de Benedicto Monteiro.

A vida do caboclo, seus anseios, sua luta, seus amores, sua rebeldia, sua oralidade característica, seus costumes, pulam das páginas dos livros de Benedicto Monteiro e se espalham pelo mundo afora, contando e encantando com suas inocentes peripécias, sua valentia, seu mundo de assombrações e magia e, ao mesmo tempo, denunciando a devastação da floresta, a ambição desenfreada, o descaso dos grandes projetos em relação aos moradores da Amazônia que em vez de beneficiados por aqueles que vem enriquecer com suas riquezas naturais, são roubados, são expulsos de suas terras ou mortos por causa delas, para dar lugar ao estrangeiro ou ao sulista que lhe lança um olhar de superioridade montado no apoio governamental com todos os incentivos fiscais, no poder do seu dinheiro e na sua fala culta e lhe prova, com documentos oficiais, que aquela terra onde o avô de seu bisavô nasceu e viveu e onde ele vivia até hoje não é mais sua e ele vai ter que abandoná-la para dar lugar ao seu “legítimo” dono.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. **Memórias da Cidade: Lembranças Paulistanas**. In: O Direito à Memória. Patrimônio Histórico e Cidadania. São Paulo: DPH, 1992.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2004

CASTRO, José Guilherme de Oliveira. **A Viagem Mágica de Um Herói Amazônida: Miguel dos Santos Prazeres**. Porto alegre: PUC-RS, 1996. Tese (doutorado).

CINTRA, Rosalva Oliveira e MACHADO, Sebastiana Miranda Gomes. **Análise das Características do Herói Mítico, Miguel dos Santos Prazeres, do Romance Verde Vagomundo de Benedicto Monteiro**. Belém:UFPA, 2002. Monografia (graduação)

CINTRA, Rosalva Oliveira; MACHADO, Sebastiana Miranda Gomes. **Análise das características do herói mítico, Miguel dos santos Prazeres, do Romance Verde Vagomundo de Benedicto Monteiro.** Belém-PA:UFPA. 2002. Monografia de especialização em Letras

GOMES da SILVEIRA, Claudionor. **Uma cidade submersa: memória e história de Jacundá (1915 – 1983).** Belém- PA: Paka-Tatu, 2001.

MALUF, Marina. **Memória Sagrada, História Profana.** Ruídos da Memória. São Paulo: Siciliano,1995.

MEIRA, Sílvio. **Os Balateiros do Maicuru.** Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1984.

MIRANDA, Aristóteles Guilliod de. **O Poder (im)pronunciado - Uma leitura de Verde Vagomundo.** Belém-PA: UFPA, 1995. Tese (mestrado).

MONTEIRO, Benedicto. **Verde vagomundo.** Rio de Janeiro: Edições Gernasa, 1974.

_____. **O Minossauero.** Belém: Cejup,Secult,1997.

_____. **Aquele Um.** RJ. Editora Marco Zero, 1985.

_____. **Como se faz um guerrilheiro.** Belém: Cejup, 1997.

_____. **O Carro dos Milagres.** Rio de Janeiro: Nova Cultura e Editora Boitempo, 1975.

_____. **Transtempo.** Belém, Cejup. 1993

_____. **A Terceira Margem.**Rio de Janeiro: Marco Zero,1983.

NEVES, Neusa Maria. **O Regionalismo na Obra *O carro dos Milagres, de Benedicto Monteiro.*** Belém-PA: UFPA,1983. Monografia (graduação)

REIS, Ubaldo de Oliveira. **Alenquer, Imagens do Passado(Fase Desenvolvimentista).** Santarém: UFPA,1993.

RIBEIRO, Aristóteles Lima. **A expressão oral na fala do herói de *Aquele Um.*** Belém-PA: UFPA, 1997. Monografia (graduação)

SANTA BRÍGIDA, Mary Cristina Rosa. **Miguel, uma Personagem da Terceira Margem.** Belém-PA: UFPA, 2000. Monografia (especialização)

SANTOS, Jânio Lira dos. **Levantamento Lexical do Linguajar Caboclo de Benedito Monteiro em Verde Vagomundo.** Belém-PA: UFPA, 1988. Monografia (graduação).

SIMÕES, Nicéia; CASTRO, Leila Maria; BATISTA, Alexandra Oléa. **O Município de Alenquer visto sob a ótica de Verde Vagomundo de Benedicto Monteiro**. Santarém-PA: UEPA, 2006. Monografia (graduação)

VILHENA, Maria da C Fonseca e OLIVEIRA, Maria Lúcia de. **Aspectos da Linguagem Oral no Conto *O carro dos Milagres***. Belém-PA: UFPA, 1996. Monografia (graduação).

WOLF, Cristina Scheibe. **De Primeiro... As mulheres na Construção dos Seringais (1870-1912)**. In: Mulheres na Floresta: Uma história do alto Juruá, Acre (1890-1945). São Paulo: Hucitec, 1999.